

REVISTA DA CONFERÊNCIA

DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Diretrizes do Santo Padre aos Desportistas	
<i>Discurso aos membros do Centro Esportivo Italiano, em 9-10-55</i>	193
A Obra Pontifícia das Vocações Religiosas à Luz dos Documentos Pontifícios	
<i>P. Pedro Loret C. SS. R.</i>	201
Formação Humana	
<i>Frei Walfredo Tepe O. F. M.</i>	206
Contribuição dos Religiosos à Reação contra o Espiritismo	
<i>Frei Boaventura Kloppenburg O. F. M.</i>	217
Instituto dos Irmãos Maristas	
<i>Irmão Gobriano Maria P. F. M.</i>	221
O Celibato Eclesiástico	
<i>Frei Paulino M. de Sellere O. F. M. Cap.</i>	229
Serviço de Procuradoria da C. R. B.	
<i>Antonio Leopoldino</i>	244
Crônica dos Religiosos	254

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
 Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil
 Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

DIRETRIZES DO SANTO PADRE AOS DESPORTISTAS

Discurso aos membros do Centro Esportivo Italiano,
em 9 de Outubro de 1955

Somos vivamente gratos a vós, amados filhos do Centro Esportivo Italiano, por nos terdes procurado o íntimo júbilo de passar alguns instantes convosco, e de admirar êste estupendo espetáculo de frescura e de força juvenil, oferecido pelas vossas cerradas fileiras de atletas, em que Nos parece ver presente tôda a juventude cristã, que Nos é muito cara, e que paternalmente saudamos e abençoamos.

Quisestes que o vosso filial encontro conosco, destinado a firmar e celebrar o 1º decênio de vosso Centro, se realizasse aqui, na Praça de São Pedro. Feliz escolha! Qual é, de fato, o lugar mais indicado para acolher a juventude católica e desportiva, do que esta admirável praça, tão rica de significados também para vós, atletas, e quase espelho do que procurais no exercício do esporte? A força e a harmonia; a ordem e a beleza; o esforço, a vitória e a celebridade do primado, traduzidos nas formas artísticas da incomparável arquitetura da cúpula, da fachada, colunata, e obelisco; são exatamente os ideais sonhados por todos os atletas. Especialmente a sagrada atmosfera que aqui tudo envolve, e que viestes de propósito respirar, corresponde ao vosso anseio de haurir nos princípios cristãos os motivos e as normas capazes de livrar o esporte dos laços da matéria, e de elevá-lo a regiões dignas da alma espiritual e imortal. Deixai pois que vos acolha e aperte, unidos na fé e nos nobres desejos, o abraço simbólico desta colunata, que serve de pedestal aos santos — atletas vitoriosos, também êles, do espírito — como vos estreitam com extremosa predileção os braços maternais da Igreja, sempre pronta a iluminar e amparar os seus jovens filhos, no árduo combate da vida, até às vitórias espirituais.

A fausta celebração do primeiro decênio de vosso Centro trouxe-vos aqui, como que para um revigorante regresso à fonte. Aqui, de fato, na festa de Pentecostes de 1945, recebestes de nosso ensino o espírito que devia animar a vossa nascente associação. Eram então os tristes dias de após guerra, marcados, por um lado, pelo extravio quase geral das mentes e, por outro, por um fervor quase frenético de renascimento e de novos empreendimentos, em todos os campos da vida de vossa Nação. Na verdade, muitas obras tentadas então, sob o impulso do momento, e não por intrínseca necessidade, bem de pressa morreram, como sementes caídas em terreno pedregoso; pelo contrário outras, — boas sementes em boa terra — tornaram-se plantas viçosas. Tal foi o Centro Esportivo Italiano, fundado contemporaneamente com outras obras e associações católicas, as quais encontraram o “humus” favorável, onde afundar raízes, nas fileiras da Ação Católica, que por muitos anos, no silêncio e apesar da incompreensão e hostilidade alheias, educaram interiormente uma larga floração de almas na oração, na ação, no sacrifício, e assim as prapararam a um ressurgimento imediato. O tímido rebento do Centro Esportivo Italiano felizmente pegou, porque correspondia à necessidade, sentida já há muitos anos, que houvesse para os jovens católicos uma sólida organização técnica de amplo raio de ação, amparada pelos princípios cristãos, cuja realização entretanto tinha sido obstaculada até então por circunstâncias diversas.

Com o advento de nosso século o desporto assumiu tais proporções, pelos grupos amadores e profissionais; pelas multidões que enchem os estádios e pelo interesse que desperta através da imprensa, que constitue fenómeno típico da sociedade moderna. A crescida importância suscitou, por sua vez, novos reflexos e problemas no campo da educação, da vida religiosa e da moralidade, e até no campo social, de tal maneira que não podem ser descurados pela Igreja, sempre solícita em fomentar organizações correspondentes às novas exigências.

Na ocasião em que surgiu o vosso Centro, foi mais uma vez necessário explicar que a Igreja não pode descurar, como obra que lhe é estranha, o cuidado do corpo e a cultura física, como se fossem de sua competência somente “as coisas puramente religiosas” e “exclusivamente espirituais”, que existem virtudes morais e cristãs sem as quais o desporto não poderia desenvolver-se, mas cairia inevitavelmente num materialismo estreito, fim de si mesmo; que os princípios e as normas cristãs aplicados ao desporto abrem-lhe horizontes mais elevados, iluminados até por raios

de mística luz. Procuramos, por isso, naquela e em outras ocasiões, traçar as linhas mestras concernentes à harmonia das relações entre os princípios cristãos e as atividades desportivas que muitas vêzes vos foram recordadas e explicadas.

Agora é justo que, passados dez anos depois da fundação do vosso Centro, vos dirijamos os merecidos louvores por terdes aproveitado do Nosso ensino e conseguido ótimos resultados de organização e técnica, pelos quais o Centro Esportivo Italiano conquistou a confiança da juventude e a admiração dos outros organismos nacionais, com os quais tendes colaborado com discrição e bom entêndimento. Mas além dos outros resultados desejamos indicar particularmente o que forma o fim essecial do vosso Centro, isto é, o vosso influxo cristão no mundo do desporto, cujo ulterior fomento vos propomos como empenho para o futuro. A que mira de fato a Igreja ao dar impulso a associações como a vossa? Não se propõe certamente ter o monopólio de determinadas atividades, nem segregar nelas os fiéis, tirando-os do mundo aberto a todos. Não isto, mas oferecer-lhes o tipo de uma determinada ação e ensinar como ela deve ser praticada segundo os princípios religiosos e morais. Ela portanto completa e integra o que falta a uma idéia, a uma atividade ou a uma obra que por excessos, ou por defeitos, ou por carência de fundamentos ideais, não estejam à altura da dignidade cristã, se é que até não lhe são contrárias. É também evidente que uma associação formalmente católica, dá ao seus membros as melhores garantias de praticar os princípios professados, e por isso — naturalmente sem prejuizo do apostolado a favor de pessoas e grupos afastados — é mais recomendável aos fiéis fervorosos. O Centro Esportivo é uma destas associações que, propondo-se internamente a prática cristã do desporto, quer ser um modelo para fora, num terreno em que é fácil descurar os mais altos valores do espírito, exaltar mais do que é justo os do corpo, e esquecer os deveres essenciaes para com Deus e a família.

Haveis de ser portanto fermento de cristianismo nos estádios, nas estradas, nos montes, no mar e onde quer que se erga com brio o vosso estandarte.

Desde já, com o olhar fixo no futuro, convém que vos determineis um programa de progresso e de extensão, de modo que o Centro, passada a primeira idade, saiba enfrentar com vigor juvenil o próximo decênio, que se apresenta rico de importantes acontecimentos.

Compete aos vossos dirigentes estabelecer cada ponto, em conformidade com os princípios que vos desejamos indicar.

Aspecto organizativo e técnico — Em primeiro lugar, quanto ao aspecto organizativo e técnico, convém fomentar a difusão do desporto, mesmo entre a mocidade pobre, como de resto o Centro muito bem se propôs fazer desde o princípio. Se estais persuadidos de que o desporto tempéra e fortalece o corpo, educa o espírito e adestra-o às mais altas vitórias, não podeis permitir que muitos jovens sejam privados destes bens por causa da pobreza.

Convém, além disso, que os dirigentes sejam preparados não só espiritualmente, mas ainda tènicamente, pois que a orientação técnico-científica do desporto é hoje reconhecida como uma exigência necessária.

Saiba-se antes de mais nada distinguir entre a simples ginástica e o atletismo, e entre êste e a agonística. A ginástica procura o normal desenvolvimento e a conservação das forças físicas; o atletismo mira a superar o normal mas sem confronto com outros objetivos, e sem passar ao acrobatismo que é antes um frio mister; a agonística pelo contrário tende, por meio da alavanca da emulação, a atingir os extremos limites que podem tocar as energias físicas sàbiamente empregadas. Nas múltiples realizações do desporto, convém também discernir os exercícios, em que prevalece a força, daqueles em que sobressai a agilidade dos músculos ou a destreza no uso dos instrumentos e das máquinas. Ora, a moderna orientação técnico-científica exige justamente que, em primeiro lugar, se proceda com circunspeção na admissão dos sujeitos aos três tipos de desporto, de modo que não sofram prejuizo com inconsideradas escolhas, ou pela desproporção de sua constituição física, ou por prematura passagem de um para outro exercício. Igual prudência é necessária em destinar ou permitir uma das tantas especialidades do atletismo e da agonística. O dever de examinar de antemão os sujeitos, encaminhá-los para as especialidades e de seguir o seu progresso, compete principalmente ao médico, hoje bem provido de meios de pesquisa e de diagnóstico e cuja assistência nunca devia faltar a uma associação cuidadosa do bem estar de cada um de seus membros.

È supérfluo dizer quanto seja necessário o recurso à técnica na preparação e no treino dos sujeitos idôneos. A seriedade de uma associação desportiva, que queira realmente conseguir o seu fim próximo, não admite mais que se proceda pela via do autodidatismo e do empi-

rismo, como era no passado, quando o desporto se distinguia pouco do simples recreio. Existe hoje uma técnica em cada especialização do desporto, que não só facilita a consecução de bons resultados, mas chega lá onde o amadorismo, ainda que animado de boa vontade, nunca poderá chegar. Todavia, o emprego da técnica, embora seja elemento necessário, especialmente nas competições, não é nem tudo, nem o melhor. A técnica, no desporto, como nas artes, não deve estorvar o desenvolvimento das forças espirituais, como a intuição, a vontade, a sensibilidade, a coragem, a tenacidade, que são afinal, o verdadeiro segredo de todos os êxitos. Não basta o sujeito fisiològicamente perfeito nem a observância escrupulosa de tôdas as normas técnicas acumuladas pelas experiências dos mestres, para obter uma vitória digna de admiração e suscitadora de entusiasmo. O tecnicismo frio não só impede a consecução dos bens espirituais que o desporto se propõe, mas, até mesmo quando conduz à vitória, não satisfaz nem quem exerce, nem quem assiste a êle para se divertir.

Isto pretendem dizer as multidões dos estádios, quando, por vêzes, deploram que as equipes em liça não jogam com o coração, pois que, geralmente, quando se trata de uma atividade humana, o princípio e o fim deve ser sempre o elemento psíquico; por outras palavras, o espírito deve predominar sôbre a técnica. Servir-se da técnica, mas fazer prevalecer o espírito; deve ser esta a norma fundamental do vosso Centro, na educação desportiva dos jovens.

Mas quais são as normas de uma educação desportiva e cristã? Ninguém conte com um dúplice elenco completamente separado; das que dizem respeito ao cristão e das que concernem o desportista, pois que umas se compenetraram com as outras completando-se.

Tratando outras vêzes deste argumento, indicamos já algumas dessas normas, entre as principais, que agora queremos brevemente recordar. Persuadam-se os jovens, principalmente, que o cuidado do corpo não é fim a si mesmo, mas deve ser dirigido ao aperfeiçoamento intelectual e moral da alma; que o exercício do desporto não deve impedir os deveres do próprio estado, de estudantes, de trabalhadores de profissionais, mas favorecer a sua observância, ao menos indiretamente como retempêro de energias; que nenhum motivo dispensa o desportista do respeito à comum lei moral no seu tríplice objeto: Deus, família e sociedade, nós mesmos. Em relação a êste último, é para deplorar o erro que pretenderia ilimitado o direito de dispor do próprio corpo, e conseqüentemente de submetê-lo a riscos evidentes, a fadigas depauperantes, ou ainda, a absorver

substâncias gravemente danosas, como sejam estimulantes fortes, os quais, além de prejudicarem, talvez irreparavelmente, o organismo, são considerados pelos peritos quase como uma fraude. Nestes casos, não é leve também a responsabilidade dos espectadores, dos organizadores e dos escritores, quando exaltam o risco temerário ou exigem dos atletas esforços deshumanos.

Positivamente, a educação desportiva tenderá a desenvolver as faculdades da inteligência e da vontade, em especial nas competições agonísticas, a primeira adestrando os jovens à reflexão, ao raciocínio, à economia previdente das forças, a intuir o comportamento tático dos adversários, para saber colher o momento justo do emprego das próprias reservas de energia e de destreza. Mais difícil é a educação da vontade, cujo vigor, no desporto agonístico, pode dizer-se que é o elemento determinante do bom êxito e é também simultaneamente, o fruto mais conspícuo que o jovem pode aproveitar para a sua vida de homem e de cristão. Tudo pode contribuir para esta educação: a consciência do dever, o legítimo desejo de vitória, o pequeno sacrifício, como o deleite, o justo sentido da honra.

A vontade bem adestrada a competir manifesta-se na preparação cuidadosa e metódica, na perseverança após o mau êxito, na resistência ao mais forte, na tolerância dos incômodos, na audácia e no superamento de si mesmo.

Não são pois os músculos adamantinos, nem a prontidão dos reflexos ou as fáceis vitórias, que constituem a nobreza e atrativo do desporto, mas sim o seguro domínio das faculdades espirituais. Observai as multidões que se amontoam ao longo de uma estrada para julgar uma equipe de ciclistas e tributar ao melhor os seus aplausos.

Quem é para eles o melhor, senão aquêle que alia à forma técnica perfeita, uma clara inteligência e uma irresistível vontade? É o atleta que não se arroja impulsivamente, mas sabe medir as forças próprias e alheias, resistir aos ataques, servir-se dos auxílios legítimos e retribuir os favores; que, quando atingido por desafortunados incidentes, sem renunciar, sabe recomeçar com renovado alento e perseguir e alcançar os "fugitivos", um após outro, por dezenas e dezenas de quilômetros, até retomar o seu posto na vanguarda; depois, sem conceder-se nem conceder tréguas, sabe lançar a sua ofensiva e encontrar ainda força para o último arranque que o levará à vitória. A uma semelhante vontade pode também, por fim, faltar o afortunado sucesso; mas nem por isso

aquêle atleta deixa de ser o melhor, pois que, como dizem ainda os peritos, no desporto não é tanto necessário vencer, quanto dar prova de valentia e fortaleza.

A educação desportiva pretende, além disso, formar os jovens nas virtudes próprias desta atividade. Elas são, entre outros, a lealdade que proíbe recorrer a subterfúgios, a docilidade e obediência às sensatas ordens de quem dirige um exercício de equipe, o espírito de renúncia quando é preciso esconder-se a favor das próprias "cores", a fidelidade aos compromissos, a modéstia nos triunfos, a generosidade para com os vencidos, a serenidade na fortuna adversa, a paciência para com o público nem sempre moderado, a justiça se o desporto agonístico está ligado a interesses financeiros livremente pactuados, e, em geral, a castidade e a temperança, já recomendadas pelos próprios antigos. Tôdas estas virtudes, embora tenham como objeto uma atividade física e exterior, são genuínas virtudes cristãs, que não podem adquirir-se e exercitar-se em grau exímio sem um íntimo espírito religioso e, acrescentamos, sem o frequente recurso à oração.

Praticado neste modo, e inserido no campo sobrenatural, o desporto pode tornar-se quase uma ascese, pois que o Apóstolo São Paulo exorta a dirigir à glória de Deus tudo o que o cristão faz (cf. 1 Cor. 10,31).

Reverterá acaso em prejuízo da técnica uma tal concepção espiritual e quase ascética do desporto? Pelo contrário! Aconteceu recentemente que em muitas partes, se invocou o regresso dos atletas ao desporto "puro", isto é, àquela finalidade e àqueles métodos que nada têm de comum com o chamado "mercantilismo" e "divismo" aos quais têm sido sacrificados os altos ideais, a justiça, a saúde dos atletas, e o bom nome da nação que se pretende representar nas competições.

Se tudo isto tem alguma importância, nada melhor que o espírito cristão e as virtudes que dele promanam para libertar o desporto de lamentáveis desvios.

Na alvorada do vosso próximo decênio, já se descortina o importante acontecimento dos Jogos Olímpicos aos quais, desta vez, foi fixada, como sede, Roma. Tal escolha vós a acolhestes com júbilo, porque equivale a um testemunho de estima da parte das nações para com a juventude desportiva de vosso País. Por diversos motivos a notícia foi também recebida por Nós com agrado, não só porque o acontecimento dará ensejo a muitos de conhecer, de perto, com vantagem espiritual tantas coisas santas e belas no centro da Cristandade, mas ainda porque

oferecerá ocasião a diversas gentes de respirar a aura de universalidade própria desta Roma cristã. Se é muito oportuno, nos tempos presentes, promover e favorecer convênios entre povos diversos, para que do reconhecimento mútuo surja o amor e a fraternidade, um encontro na Urbe, mãe dos povos e pacificadora por excelência, consolidará mais eficazmente entre as fileiras juvenis, a vontade de paz e de colaboração.

Qual poderá ser a função do Centro Esportivo no quadro das Olimpíadas? Auguramos desde agora que êle possa preparar atletas capazes de se distinguirem naquelas competições, os quais, juntamente com os outros conacionais, honrem a sua bandeira. Mas importa sobretudo que os jovens desportistas católicos, e também outros, e com êles as multidões, se demonstrem, aos olhos dos hóspedes, dignos do nome e da grandeza de Roma Católica, dando um conspícuo exemplo das mencionadas virtudes.

Diletos filhos do Centro Esportivo Italiano, e vós jovens todos que vos dedicais ao desporto, atraídos pelos ideais da perfeição física, ou do prêmio, ou da glória, já sabeis porque pressurosamente Nos detivemos a expor-vos alguns dos seus valores e aspectos.

O desporto, quando entendido cristãmente, é de per si uma eficaz escola para aquela grande prova que é a vida terrena, cujas metas são a perfeição da alma, o prêmio da beatitude e a glória imarcescível dos santos. Dêste combate mais alto, o desporto é apenas uma pálida imagem, mas com quais diferenças! Enquanto nas provas desportivas se participa livremente, no combate espiriutal é necessário que todos entrem e perseverem; enquanto naquelas um só, entre muitos, obtém a palma, neste a vitória está disposta a coroar todos e cada um; mas, sobretudo enquanto naquelas, quando faltam as energias, não resta outra coisa que retirar-se e declarar-se vencido, neste, sempre pronta a levantar e fortalecer as forças declinantes, está a própria força de Deus, que quer todos os homens salvos e vencedores.

Exortamo-vos, pois, caríssimos jovens, férvidos de vida, de força, de ardor, a reservar a melhor parte de vossa ambição e das vossas energias, ao combate do espírito, na firme convicção de alcançar vitoriosos a palma, mediante a indômita vontade e com a graça e o exemplo do único vencedor do mundo, Jesus Cristo.

Com êste voto, que por vós elevamos como oração ao trono de Altíssimo, invocamos sôbre tôda a dileta juventude católica a abundância dos celestes favores, em penhor dos quais vos concedemos, com efusão do coração, a Nossa paterna Bênção Apostólica.

A OBRA PONTIFÍCIA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS À LUZ DOS DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS

P. PEDRO LORET C. SS. R.

I. O QUE É A NOVA OBRA PONTIFÍCIA

A Obra Pontifícia das Vocações Religiosas é instituída como “Opus Primarium” (Motu Proprio) — “Opus Princeps” (Statuta, I). Além disso, o Sumo Pontífice dignou-se elevar esta Obra à dignidade de Obra Pontifícia: “Opus quod Pontificium nominamus” (Motu Proprio).

A Obra pode, portanto, agregar tôdas as Obras e tôdas as Pessoas que o solicitem: “Addita facultate aggregandi Opera ac Personas, cum id postulatum fuerit...” (Motu Proprio).

A Obra pode igualmente comunicar a todos os seus membros as indulgências e favores espirituais que já lhe foram concedidas ou que lhe serão concedidas futuramente: “... simulque indulgentias concessas vel cencedendas, atque favores spirituales, ad universos adscriptos extendendi” (Motu Proprio).

Os “Estatutos” definem:

“IV. — Poderão ser agregadas à Obra Pontifícia: Todas as Ordens e Congregações religiosas, as Sociedades que lhes são equiparadas, os Institutos Seculares masculinos e femininos, os Mosteiros, as Comunidades religiosas, as Conferências de Superiores e Superiores Maiores, como existem atualmente em diversos países, todas as Obras destinadas de um modo especial a despertar ou a auxiliar as vocações religiosas.

Poderão igualmente ser inscritos: Os Seminários e Colégios eclesiásticos, as instituições, escolas e associações católicas, todos os fiéis, clérigos ou leigos, que desejem colaborar nesta Obra importante.”

Para compreender perfeitamente a nova Obra, devemos acrescentar ainda um ponto dos “Estatutos”:

“V. — A Obra Pontifícia das Vocações Religiosas é colocada sob o patrocínio da Sagrada Família de Nazaré, que oferece a todos os Estados de perfeição “um modelo de união doce e fecunda entre a vida contemplativa e a vida ativa” (Constituição Apostólica *Sponsa Christi*).”

II. FINALIDADE DA OBRA

Eis como o “Motu Proprio” determina esta finalidade:

“Correspondendo à Nossa solicitude de supremo pastor e de pai, a S. C. dos Religiosos julgou oportuno instituir a Obra Primária das Vocações Religiosas, com a finalidade: — de empenhar a fundo os fiéis, por todos os meios, mas sobretudo suscitando por toda parte Obras semelhantes, para que favoreçam, defendam e auxiliem as vocações aos diferentes Estados de perfeição cristã; — de difundir a verdadeira doutrina sôbre a excelência e a utilidade dos Estados de perfeição; — e enfim, de convidar os fiéis do mundo inteiro a se unirem para oferecer por esta intenção orações e outros exercícios de piedade...”

De seu lado, os “Estatutos” declaram:

“III”. — Para atingir o fim que lhe é determinado, a Obra Pontifícia:

- 1 — Procura, antes de tudo, propagar a verdadeira doutrina sôbre a natureza, utilidade e excelência dos Estados de perfeição, tal como é exposta nos documentos pontifícios mais recentes;
- 2 — Promove obras de piedade, de penitência e de caridade, com o fim de obter de Deus excelentes e numerosas vocações para os diferentes Estados de perfeição;
- 3 — Favorece a atividade das Obras das Vocações Religiosas existentes em diversas regiões, e encoraja a fundação delas onde ainda não estejam estabelecidas.”

III. MEIOS UTILIZADOS PELA OBRA

Os textos que fixam a finalidade da Obra Pontifícia já indicam de alguma forma os meios para atingí-la. Contudo, será útil fazer à parte uma exposição mais detalhada. São os seguintes:

1 — *A Agregação das Obras e Pessoas* “que desejam colaborar eficazmente nesta Obra importante” (Statuta, IV). Que vantagem pode a agregação trazer ao problema das Vocações? — A seguinte: dará renovado estímulo e valor ao devotamento das obras e pessoas agregadas, ao mesmo tempo que favorecerá a atividade da própria Obra Pontifícia.

As “Normas” acrescentam êstes detalhes de ordem prática:

“O pedido de agregação ou de inscrição na Obra Pontifícia, para os Estados de perfeição, Colégios e Seminários eclesiásticos, demais Instituições ou Associações católicas e para as Obras das Vocações Religiosas, é feito pelos respectivos Superiores ou Dirigentes.

“Aceitando a agregação ou inscrição, a Obra Pontifícia remete às Sociedades um diploma e aos particulares um certificado especial.

“Todos os aderentes, inscritos ou agregados, contribuirão com módica quota anual.” (Normae, Inscricão)

2 — *Os exercícos de piedade.* “Para se obterem de Deus ótimas vocações para todos os Estados de perfeição, bem como os meios necessários ao bom êxito destas vocações, são vivamente recomendadas as seguintes práticas:

— oferecer, por intenção das Vocações Religiosas, o jejum e a abstinência prescritos para as vigílias da Assunção de Nossa Senhora e da festa de Natal;

— estabelecer entre todos os Estados de perfeição um ciclo ininterrupto de orações pelas Vocações religiosas;

— celebrar o “Dia das Vocações Religiosas” com os piedosos exercícos aprovados pela S. C. dos Ritos e enriquecidos de indulgências pela S. Penitenciaria Apostólica;

— convidar os doentes e as pessoas que sofrem, a celebrar o “Dia do Oferecimento”, no qual oferecerão a Deus seus sofrimentos morais e físicos, em união com o Preciosíssimo Sangue de Jesus, pelas Vocações religiosas.” (Normas)

Para completar esta parte dos “Exercícos de piedade”, podemos acrescentar o seguinte:

a) — *“As festas principais da Obra Pontifícia são:*

— A festa da Sagrada Família, no domingo depois da Epifania.

— A festa dos Santos Fundadores, quando fôr instituída.

— A festa de São Pedro e São Paulo, no dia 29 de junho.

— A festa onomástica do Santo Padre, Supremo Moderador de todos Estados de perfeição.” (Normas)

b) As indulgências e favores espirituais concedidos aos membros inscritos na Obra Pontifícia das Vocações Religiosas são enumerados num documento da S. Penitenciaria Apostólica, de 8 de junho de 1955:

1º) A Obra Pontifícia das Vocações Religiosas goza das graças espirituais concedidas às Obras instituídas para favorecer as Vocações Sacerdotais:

INDULGÊNCIA PLENÁRIA

— para cada fiel, no dia da entrada na Associação, se, após ter confessado e comungado, rezar piedosamente pelas intenções do Sumo Pontífice;

— em artigo de morte, para cada associado que, tendo se confessado e comungado ou ao menos estando arrependido de seus pecados, invocar

devotamente o Santo Nome de Jesus, com os lábios ou ao menos no coração, e aceitar com resignação a morte das mãos do Senhor, em expiação dos pecados;

— no dia das seguintes festas: do Santo Padroeiro de cada associação; festa dos Santos Apóstolos (de conformidade com o decreto da S. C. das Indulgências, de 18 de setembro de 1862); um dos três dias das “Quatro Têmporas”, se os associados, tendo se confessado e comungado, visitarem uma igreja ou oratório público e aí rezarem pelas intenções do Santo Padre.

INDULGÊNCIA DE 100 DIAS, por ato de piedade ou de caridade feito por um associado, em conformidade com os fins da associação.

(Todas as indulgências mencionadas podem ser aplicadas às Almas do Purgatório, exceto somente a indulgência plenária em artigo de morte.)

Enfim, o Santo Padre declarou também que todas as Missas celebradas por alma dos associados defuntos, têm para eles o mesmo valor como se fossem celebradas em altar privilegiado.

2º) *Ademais*, os agregados à Obra Pontifícia das Vocações Religiosas podem ganhar — com as condições de costume — *uma indulgência plenária*: — Nas festas do N. S. Jesus Cristo e de Nossa Senhora, inscritas no calendário universal. — Na festa de S. José e na solenidade do mesmo Santo. — Nas festas próprias da Obra Pontifícia das Vocações Religiosas, a saber: Sagrada Família — Santos Fundadores — São Pedro e São Paulo, a 29 de junho — onomástico do Santo Padre — Dia das Vocações Religiosas.

IV. ATIVIDADES DA OBRA:

“A Obra Pontifícia deverá:

1 — Fazer que sejam editados e difundidos escritos que aumentem sempre mais o conhecimento e a estima do valor e da utilidade da vocação religiosa.

2 — Empenhar os eclesiásticos a aproveitarem de todas as circunstâncias para tratar deste tema (sermões, conferências, instruções quaresmais e outros, exercícios espirituais, novenas, catequese de adultos, etc.).

3 — Exortar os fiéis a ler com atenção os documentos da Santa Sé, os escritos dos Santos Padres e dos autores espirituais, sobre a vida religiosa e os Estatutos de perfeição evangélica.

4 — Inspirar às crianças e jovens, confiados por qualquer título aos cuidados de membros dos Estados de perfeição, uma grande estima da vida religiosa e despertar neles um desejo profundo de perfeição cristã.

5 — Promover Congressos em que seja tratada esta questão ou ao menos cuidar que, em outros Congressos do mesmo gênero, não se deixe de tratar também da vocação religiosa.

6 — Manter contacto e entreter relações com os membros agregados ou inscritos: Ordens, Congregações, Sociedades, Institutos, Obras das Vocações religiosas, etc.; seguir, encorajar, auxiliar, coordenar as felizes iniciativas tomadas nesta intenção, e sugerir, quando necessário, os meios mais eficazes para se chegar ao fim desejado. Pedir, em seguida, que se mande à Obra Pontifícia um relatório breve, simples e exato dos esforços feitos e dos resultados obtidos." (Normas)

V. INDICAÇÕES PRÁTICAS:

- 1º) A Sede da Obra Pontifícia das Vocações Religiosas está estabelecida na S. C. dos Religiosos. Pode-se, portanto, entrar em relações com a mesma, seja pessoalmente seja por cartas, com o seguinte enderêço: Obra Pontifícia das Vocações Religiosas S. C. dos Religiosos
Piazza S. Callisto — ROMA — Itália
- 2º) Já se podem apresentar os pedidos de inscrição ou de agregação à Obra Pontifícia, e a todos os que estão em condições de fazê-lo, pede-se insistentemente que o façam quanto antes.
- 3º) A Obra Pontifícia das Vocações Religiosas não deixará de enviar aos Membros da Obra o diploma ou certificado previsto nas "Normas".
- 4º) O meio mais prático de contribuir com a quota anual, prevista igualmente nas "Normas", é enviá-la ao seguinte enderêço:
Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Farini, 95 — Rio de Janeiro
- 5º) A Obra Pontifícia das Vocações Religiosas está organizando um "Centro de Documentação". Este Centro reunirá tudo o que interessa às Vocações aos Estados de Perfeição:
 - Livros — Revistas — Artigos diversos —
 - Peças de teatro — Filmes — Cartazes, etc.
 O Centro receberá com viva gratidão qualquer remessa de material dêste gênero.

FORMAÇÃO HUMANA

Frei Walfredo Tepe, O.F.M. (1)

A envergadura da personalidade humana mede-se pela capacidade de síntese. Pois a vida humana está sob o signo da dualidade: alma e corpo; inteligência e coração; homem e mulher; indivíduo e comunidade — sempre se impõe a síntese de forças polares. Com a vinda de Jesus, alarga-se ainda o campo dinâmico: a natureza é colocada em polaridade com a graça, vida sobrenatural. Bem que disse Jesus: “não vim trazer a paz e sim a espada”, tensão, luta. Vida religiosa, por sua vez, não é sossêgo e repouso, novas polaridades aparecem e exigem vigilância e labor estrênuo: contemplação e atividade, liturgia e oração mental, obediência e responsabilidade própria, etc.

Cingindo-me ao tema proposto, procurarei delinear e descrever tríplice campo dinâmico, como aparece na estrutura básica da natureza humana:

alma — corpo espírito — psique indivíduo — comunidade

Todos sabemos que erros e falhas no fundamento ameaçam constantemente toda a construção. Só uma sólida formação humana garante o edifício da perfeição sobrenatural e religiosa.

ALMA — CORPO

O homem é essencialmente “animal racional”. É alma espiritual e corpo animal ao mesmo tempo. Desde que o homem perdeu, no paraíso, o “donum integritatis”, que lhe garantia a harmonia entre os dois reinos, sente a dualidade essencial de sua natureza muitas vezes como antagonismo agudo. E todavia nunca será personalidade humana perfeita, se não conseguir a síntese das suas forças polares. Conhecemos bem a tendência do mundo materialista: renega o espírito para poder viver vida

(1) Tese desenvolvida na 2.^a Semana de Estudos da C.R.B. — Secção Estadual da Baía, em 6 de Fevereiro de 1956.

animal. É um dos extremos possíveis, uma das tentativas de escapar à tensão permanente e de “simplificar” a vida. Mas tal “simplificação” é apenas “curto circuito”, eliminação do polo oposto, paralização da vida e do progresso.

Mas o que a nós mais nos interessa, é a tentação de cair no outro extremo, no puro espiritualismo. Não se pode negar que a ascese cristã tem sofrido influxo forte do neo-platonismo, para quem a alma é prisioneira do corpo. Este tema tem sido desenvolvido até o excesso na literatura ascética: o corpo, o grande inimigo da alma. Ou quando considerado como companheiro dela na viagem terrestre, não passa de “irmão burro”. Mas a verdade é que o corpo é parte integrante da natureza humana. E Deus quer nossa formação e perfeição humanas. Nunca seremos anjos nem anjinhos, devemos aspirar a ser santos, i. é, criaturas humanas chegadas à sua perfeição específica.

O ideal é, pois, a harmonia duma síntese perfeita. Como é importante calcular isto, sobretudo nos primeiros anos de vida religiosa, quando um fervor religioso mal orientado pode estragar para sempre a saúde corporal com penitências exageradas. Corpo doente e saúde fraca não são ideal ascético. As mortificações e penitências devem visar, não o enfraquecimento do corpo, e sim, sua docilidade ao govêrno do espírito. Pois o ideal é a harmonia entre a alma e o corpo, de tal maneira que a alma siga sua tendência para o bem, para Deus, sendo acompanhada e ajudada nisso pelo corpo. Doença é cruz — cruz bendita quando enviada por Deus. Mas não temos direito de procurar por nós tal cruz. Temos, antes, obrigação de conservar nossa saúde, não tornando excessivo o pêso que cabe ao corpo.

Importa ter discernimento e prudência. Os tempos mudaram. A vida dos religiosos hoje em dia foi atraída em grande parte para o redemoinho do trabalho febril da época moderna. Nêsse trabalho podemos ver uma forma de penitência que substitui plenamente as austeridades severas de tempos passados, mais calmos e equilibrados. Mas o trabalho moderno está se tornando, não raro, penitência excessiva, prejudicando a formação humana e religiosa. 30 aulas por semana, vigilância no internato, acompanhar os exercícios da comunidade, preparar as aulas sem saber como — não será tarefa exaustiva? Esgotamento nervoso é um dos sinais do nosso tempo — também entre os religiosos. Mas não é bom sinal. É sinal de que prevalecem, não raro, necessidades técnicas e econômicas — descuidando-se a formação humana e religiosa individual.

Não entramos no convento para nos escravizar ao trabalho, sem ter

tempo suficiente para o recolhimento interior. A responsabilidade dos superiores neste ponto é maior do que se pensa. Não se devem sobrecarregar os súditos de trabalhos. Deve-se proporcionar o suficiente repouso. FÉRIAS — palavra talvez desconhecida para os religiosos dos tempos antigos, que viviam num ritmo mais compassado. São hoje em dia uma necessidade. Mas férias verdadeiras! Talvez em casas próprias de repouso. Como se enchem muitas vezes as férias com mil coisas! cursos de especialização, exames de 2ª época, retiros, etc. Lembremo-nos que antes da eclosão de um esgotamento, bastam talvez 15 dias de férias, depois, muitas vezes, nem 15 semanas.

Talvez não seja desnecessário lembrar que as doenças nervosas não são “doenças imaginárias”. Os nervos também são órgãos do corpo, órgãos delicados e importantes. São a nossa “central telefônica”. Sobrecarregado ou escangalhado o sistema nervoso, nada mais funciona no organismo e graves distúrbios podem se manifestar em toda parte.

Um profundo conhecedor da psicologia humana disse que a causa mais frequente de neurose era a inconformidade com uma das três humilhações que a natureza humana nos impõe: ter corpo, ter sexo, depender dos outros.

O esforço pela síntese da alma e corpo, deve, sem dúvida, se ocupar com o forte *instinto sexual*. Mas justamente aí não se deve cair no extremo espiritualista. Não podemos realizar situações “angélicas”. “Não tentarás ao Senhor teu Deus” — com essas palavras repeliu Jesus o demônio quando o atacou pela segunda vez. A primeira tentação de cuidar desordenadamente do corpo e sua necessidade — o pão — talvez não seja tão grande para o religioso como a segunda: a do angelismo, o outro extremo a ferir a ordem estabelecida por Deus: “Aos anjos ÊLE mandou... não és também um ser espiritual? lança-te abaixo; voarás”. Jesus repele esta segunda maneira de revolta contra Deus, que criou o corpo matéria e quer que respeitemos suas leis.

O homem tem que respeitar a lei da gravidade: não pode jogar-se do alto de uma torre, tem que descer pela escada — ou então pelo elevador. E o homem tem que seguir as demais leis que regem a vida biológica e fisiológica.

O ocidente está mais exposto à primeira tentação: cuidar do pão e demais necessidades terrenas e dominar a natureza pela técnica. O homem oriental deixa-se mais facilmente enredar pela segunda tentação. Do oriente é que vieram todas as *heresias gnósticas*. Do oriente veio o

maniqueísmo, que vê na matéria e no corpo material o princípio de todo mal. Essa heresia foi condenada, mas tem acompanhado, qual corrente subterrânea, a concepção cristã da vida, prorrompendo, às vezes, em torrentes perigosas — montanistas, albigenses, cátaros, jensenistas. Ainda hoje em dia, a literatura ascética não se livrou dêste influxo. Uma mentalidade que concede papel preponderante aos rigores corporais, na ascese, e sobretudo uma posição singularíssima à castidade, nutre-se da idéia inconsciente que tôda a criação material, e em particular a realidade não-espiritual no homem, no fundo vem do mal. Que o homem deve comer e beber, dormir e satisfazer outras necessidades, que a procreação de uma nova vida está ligada à união corporal de homem e mulher — tudo isso, e particularmente o último fato, parece à tal mentalidade um “mal necessário” e talvez nem necessário, e indigno do Criador como do homem. E tarefa humana essencial — e inda mais a tarefa religiosa e cristã — seria ultrapassar tôda essa esfera inferior e elevar-se, por meio da ascese, a um nível puramente espiritual.

Com tal tendência só se pode perder o rumo para a santidade que é perfeita união com Deus. O ponto de partida deve ser a *humanidade existencial*: aceitar a realidade humana e individual como Deus a quis. E Deus nos quis não como puros espíritos e sim, como animais: alma e corpo. Toda a revolta consciente ou inconsciente contra essa realidade, leva à queda na terceira e mais perigosa tentação: o orgulho deliberado que não se submete a Deus, mas quer realizar sua própria vontade e grandeza, seguindo e adorando assim a Lucifer. E muitas vezes leva não só ao desequilíbrio da vida religiosa, como ainda a profundos distúrbios mentais e neuroses.

Com isso passamos ao segundo ponto:

ESPÍRITO — PSIQUE

A psicologia clássica distinguia, na única alma humana, três potências: alma espiritual — inteligência e vontade; a alma sensitiva — imaginação, afetos emoções; e a alma vegetativa — que controla a vida orgânica. A *alma sensitiva* com o nome de *psique* — tornou-se objeto preferido — senão exclusivo — da psicologia moderna, dinâmica, experimental. Os resultados de tais estudos, a ascese não os pode deixar de lado. Devemos admitir que a natural polariade entre o espírito e *psique* na formação tem sido demasiadamente cerebral, excluindo a parte afetivo-emocional. Forma-se a inteligência em longos anos de estudo, forma-se a von-

tade em constantes exercícios. Mas a vida afetiva fica relegada ao ostracismo, ou é até considerada com desconfiança, combatida e recalçada.

Quem entende ainda hoje em dia a palavra “paixões” no sentido da escolástica, “*passiones animae*”? No sentido de faculdades essenciais da alma humana? No sentido objetivo de uma realidade intencionada e criada por Deus? Talvez fosse melhor empregar outro termo: “tendências emocionais” — porque a palavra “paixão” está separada por interpretações pejorativas.

As tendências emocionais, ou sejam “paixões”, colocam-se de permeio entre corpo e espírito. Formam o tão importante elo entre o reino animal e espiritual. Com as imagens e os desejos, perfazem o reino da *psique*. Certamente pertence à “*anima rationalis*”, ao espírito”, a primazia e o governo; mas não a ponto de excluir ou renegar a *psique*. Seria fugir da idéia do Criador. Quem aspira à santidade não pode descurar das tendências emocionais. Uma ascese que lança às “paixões” de antemão a pecha de ruindade ou imoralidade, está condenada a um fracasso ruído. É uma atitude esquiva, medrosa e desconfiante, só pode produzir um tipo de piedade anêmica e frágil, que não convence nem a Deus nem aos homens. Sto. Tomás diz expressamente que as paixões não são más em si; consideradas como movimento de tendência não racional, são moralmente indiferentes. (I-II-24).

Mas podem modificar o valor de uma ação na medida em que são assumidas e controladas pelo espírito. Essa é tarefa humana: “faz parte do aperfeiçoamento do bem humano que as mesmas paixões sejam controladas pela razão”. (1.º c ad 3)

Controladas, não apenas no sentido de constrangidas ou debeladas, mas assumidas e usadas positivamente. Já o santo doutor deparou-se com a objeção de que nem Deus nem os anjos têm “paixões”, e que eles devem servir-nos de modelo. A perfeição humana, responde êle, é algo de específico; “assim como é melhor o homem não só querer o bem mas também executá-lo em ação externa, assim pertence também à perfeição do bem moral que o homem se mova em direção do bem, não só com a vontade, mas também com as tendências sensitivas, segundo a palavra do salmista”: “O meu coração e a minha carne exultaram no Deus vivo” interpretando-se “coração” como tendência racional, “carne” como tendência sensitiva (I II 24,3).

Mais evidente que a relação das tendências emotivas com a vida espiritual, é o intercâmbio delas com a vida corporal. Emoções fortes afetam

profundamente o sistema nervoso e circulatório. A ira "faz ferver o sangue", a inveja torna o homem bilioso e amarelo, o medo dá forças nunca imaginadas, pela abundante secreção de hormônios da suprarenal, uma alegria veemente pode até matar, etc. E por outro lado, doenças físicas, cansaço e abatimento corporal, afetam as potências emocionais, e através delas o próprio espírito. Daí, vemos que grande papel exerce na perfeição humana a vida emocional. E se a psicologia moderna experimental tem feito grandes e valiosas descobertas neste reino, tão pouco conhecido antes, devemos ser gratos e aproveitar os novos conhecimentos na ascese. Santo Tomaz certamente seria o primeiro a usar as descobertas e conclusões científicas. Já êle reconheceu a dificuldade de harmonizar a vida psíquica com a vida racional. Diz: "Nossa alma domina o corpo com govêrno despótico; as tendências, porém, com govêrno político. Chama-se govêrno despótico o que alguém exerce sôbre súditos que não têm possibilidade alguma de resistir às ordens daquêle que manda, porque não tem nada próprio. Govêrno político chama-se a forma de governar pessoas livres, que embora sujeitâs ao regime do presidente, têm todavia alguma coisa própria, pela qual podem oferecer resistênciã às ordens daquele que manda. A alma governa, pois, o corpo de maneira despótica. Nossa inteligência, porém, dirige as tendências concupicíveis e irascíveis, por um govêrno político; porque as tendências sensitivas têm algo próprio, pelo qual podem resistir ao domínio da razão. Pois a tendência sensitiva é feita pela imaginação e pelos sentidos. Por causa disso, experimentamos opor-se tal tendência à razão, pois às vezes sentimos ou imaginamos algum prazer que a razão proibe, ou uma tristeza que a razão impõe" (1.I.81,3)

Em termos escolásticos, uma verdade bem psicológica: nossa vontade não pode comandar os sentimentos e emoções. Pode dirigir, canalizar. Mas não pode simplesmente esmagá-los, calcar aos pés, ou então ignorá-los. Tais atitudes são causa de muitas perturbações psíquicas: complexos, idéias fixas, manias, tiques, etc.

A vida emocional faz parte integrante da natureza humana. É impossível eliminar isso. A tentativa de eliminação tornaria torta e frustrada a vida humana. E que maior desentendimento pode haver do que proclamar tal eliminação em nome da perfeição religiosa? Como pode alguém conseguir a união com o Deus da revelação, se se opõe ao Deus da criação? Deus criou o homem com espírito, psique e corpo, e não permite que o vaso diga ao oleiro: que fazes aí? a tua obra não é de uma hábil mão" (Is 45,9), devias ter feito o homem como espírito puro, sem

tôdas essas complicações. Quando Deus nos diz: "Sede santos como eu sou santo", isto não significa: tornai-vos espíritos puros como Eu, repudiando a natureza sensitiva. Diz Sto. Tomás: "devemos e podemos assemelhar-nos a Deus na tendência para o bem. Mas no modo de tender, não nos podemos assemelhar de maneira alguma, porque em Deus não há tendência sensitiva como em nós; sendo nossa tarefa subordinar seus movimentos à razão" (II-II-158-1 ad 4).

Ficar humano devia ser a regra fundamental para tôda a procura de perfeição, integralmente humano. O desprezo do corpo e o recalque da vida emocional sempre se vingam. Mas não fiquemos na teoria. Como recalcamos nossa vida emocional, podemos constatar no tocante às lágrimas. Envergonhamo-nos delas, "um homem não chora". As Seleções (dezembro de 1955) trazem um artigo interessante: "A sabedoria das lágrimas". Se estudarmos a fisiologia do choro, descobrimos que êle nunca ocorre durante um estado de tensão absoluta, nem de completo relaxamento muscular — mas durante a transição da tensão para o alívio... A cólera, o medo, o choque de uma dor súbita, causam modificações físicas em nosso organismo. A digestão cessa, aumenta a pressão sanguínea, o coração acelera, e a pele fica fria. Persistindo num período prolongado, êsse estado de emergência deixa o corpo — e a personalidade — tenso, seco e rígido. Em pessoas que receiam se entregar ao transbordamento de suas emoções penosas, os médicos verificam que as lágrimas contidas podem deflagrar males, como asma, enxaqueca e muitos outros. Afirma depois o autor: "Antigamente os filósofos pensavam que as nossas emoções influíam na capacidade de pensar, e que a pessoa tinha que eliminá-las para atingir o conhecimento. A moderna ciência sustenta que a repressão dos sentimentos pode ser mais prejudicial à nossa capacidade de raciocinar, do que qualquer outra coisa. Há pois verdadeira sabedoria na lágrima". Deve o autor referir-se aos filósofos da antiguidade, não aos escolásticos. Os estóicos podem ter ensinado a repressão do choro. Santo Tomás é de outra opinião. Quando fala da tristeza, apresenta 5 remédios. Em segundo lugar as "lágrimas", "o donum lacrimarum" (como é moderno o Sto. doutor!); como 5º remédio aconselha tomar banho e dormir.

A doutrina cristã aceita o homem na sua complexidade, como Deus o fez. Infelizmente o ideal estóico tem deixado sua marca profunda na ascese cristã. Porque pregam tantos autores ascéticos uma atitude de repressão aos sentimentos e às emoções? quando nosso ideal não é a apatia estóica e sim Cristo, aquêle que chorou mais de uma vez e em

público, e que tinha um coração humano que vibrava em toda escala de sentimentos: júbilo e tristeza, ternura e indignação, desejos e repugnância.

Cristo é nosso exemplo, não só nas renúncias, mas na vida humana integral, também nas emoções e afetos. E aqui gostaria de chamar a atenção para um termo infeliz, que está se tornando verdadeiro espantoso de comunidades e internatos: *amizade particular*. Existe o comportamento errado que se quer estigmatizar com essa palavra. Mas demos-lhe outro nome, chamemos-lhe de separatismo, de egoísmo a dois, ou de namôro, como quiserem, menos da amizade particular. Pois assim se lança uma pecha a toda amizade, a toda simpatia, a todo afeto humano. Cria-se um ambiente de suspeita e desconfiança. Como se torna a vida, penosa, contrafeita, constrangida. Quantas pessoas normais já se espantaram ao deparar no convento com esse ambiente carregado, de tensão mórbida, que se estabelece em torno da palavra "amizade particular". Os religiosos que apresentam mais zelo, ou melhor, mania em descobrir ou combater tais amizades particulares, dariam a um psiquiatra excelente material de estudo sobre fixações infantís. Não integraram o problema sexual na sua formação humana, e tropeçam a todo passo sobre ele. Ou como diz o povo: "quem disso usa, disso cuida".

Admitir as tendências emocionais e fisiológicas, não significa dar-lhes rédeas soltas. Uma psicanálise que, para curar complexos e recalques, aconselha soltar todos os freios às paixões, desconhece a complexidade da natureza humana, ainda mais que uma ascese desencaminhada que condena todas as paixões. As paixões, os movimentos emocionais, devem ser dirigidos pela razão. E acontecendo que as tendências sensitivas se opõem à reta razão, é o caso de as mortificar, combatendo-as. E isso não causará dano psíquico. Pois renegar ou recalcar é uma coisa, e renunciar conscientemente ou combater frontalmente, é outra.

As perturbações psíquicas vêm de uma atitude insincera: fechar os olhos e recalcar. Tal insinceridade leva a doenças nervosas, a desajustamentos. A verdade liberta tanto o corpo como o espírito. O neurótico não pode ser nem são nem santo. É preciso romper com as mistificações, não viver um papel por mais bonito que seja, não se identificar precipitadamente com um ideal que facilmente se torna um ídolo, ao qual se sacrifica a vida real, e a verdade existencial. Bem que disse Deus: "Não terás ídolos". Contra as adulações de fora, e ainda mais contra a insin-

ceridade "idealista" em nós, devíamos sempre de novo dirigir a palavra de Jesus: "Por que me chamas bom? Só um é bom, Deus".

Diz Nuttin (1): "Um esforço extraordinário de sinceridade e simplicidade se exigirá, para que certas pessoas tornem-se "elas mesmas", até o mais profundo de sua própria personalidade íntima. À força de não querer "olhar", ou não reconhecer certos sentimentos íntimos aumenta-se a distância e a tensão entre a forma íntima e a forma ideal da personalidade. É sobre a base desta distância mantida, que o ideal da personalidade se desenvolve em certa esfera de hipocrisia psíquica — não dizemos moral — que não raramente é encontrada em certas categorias de pessoas "virtuosas", mas psicologicamente mal integradas".

INDIVÍDUO — COMUNIDADE

Um dos pontos mais interessantes, no critério da vocação religiosa, é a integração na vida comum, a sociabilidade do indivíduo. Mais uma vez trata-se aqui de síntese, não do desaparecimento de uma das forças polares em favor de outra. O que não seria favor, mas descalabro. Os melhores religiosos não são as criaturas apagadas sem idéias, sem opiniões, sem vontade própria, e sim aqueles que sabem colocar uma forte personalidade ao serviço da comunidade. Apontemos algumas falhas possíveis na tentativa da síntese.

Adler, com sua psicologia individual, tem demonstrado que o *complexo de inferioridade* e a necessidade de se *fazer valer*, podem constituir, sob as formas mais disfarçadas, motivação da conduta humana. Thomas Merton, no seu belo livro "Sementes de Contemplação", pg. 47, observa que muitos homens "só podem conceber uma única maneira de se tornarem reais: desligar-se por completo dos outros, e construir uma barreira de contrastes e distinções entre eles e os outros homens: eu tenho o que vós não tendes, eu sou o que vós não sois"... Tal tendência de distinguir-se, ou fazer-se valer, pode também, na vida espiritual, produzir exquisitas formas de comportamento. Tôda a esquisitice na vida de piedade merece um olhar atento dos educadores. Santa Teresinha, na sua autobiografia, menciona rigores e grandes penitências de certas irmãs, que deram como resultado o enfraquecimento da saúde, a ponto de pedirem constantemente dispensa da vida regular. E com sua aguda intuição, compreendeu logo que se abria um caminho errado na procura da santidade.

Cientificamente explica isto Nuttin (lc. pág. 160), quando diz que

(1) Psicanálise e Personalidade, pág. 161.

“encontram-se, às vezes, pessoas na comunidade que exigem regularmente, por causa de seu estado de saúde, cuidados especiais. Sempre precisam, de um modo ou de outro, fugir à regra ordinária da vida. Essas pessoas, certamente, nada mais desejariam tanto, do que poder fazer como todos os outros membros da comunidade. Sofrem realmente por ter sempre de fazer excessões à regra. Porém, um exame mais minucioso mostra, às vezes, que a tendência mais profunda de sua personalidade é distinguir-se dos outros, não se confundir com a massa dos outros, como alguém que não conta. Quando sua personalidade é dominada por tal necessidade, e esta tendência não pode encontrar satisfação em vias positivas, a psicologia profunda mostra-nos que os mecanismos inconscientes podem “arrumar” o quadro. Por um lado sempre haverá algo que irá menos bem no domínio da saúde física, por exemplo, de tal modo que essas pessoas são simplesmente constrangidas a se conduzirem de modo excepcional. E, por outro lado, tentarão convencer-se, no nível da vida consciente, que fazem o possível e apenas desejam fazer como os outros, mas... “Deus quiz de outro modo”. É por esta razão que elas estão prontas a suportar corajosamente esta pequena prova. Assim, o problema encontra sua solução: a tendência em não ser simplesmente como os outros é satisfeita, enquanto que, no nível da consciência explícita, elas se julgam talvez no caminho da santidade”. Desconfiemos de exquisites na vida comum, que muitas vezes são formas disfarçadas da tendência exagerada de fazer-se valer.

A intolerância aguda é a forma mais perigosa de insociabilidade. A verdadeira personalidade tem largueza de vistas e de compreensão. Os espíritos tacanhos e mesquinhos serão sempre unilaterais e fanáticos. Sempre prontos a esmagar e abafar a oposição. Quando os “Boanerges” pediram autorização para chamar fogo do céu sobre as cidades que lhes barraram a passagem, disse Jesus: “Não sabeis de que espírito sois”. Não é formação humana, muito menos cristã e religiosa, querer exterminar a ferro e fogo, ou com bombas atômicas, toda a oposição. “Deve haver escândalos”, disse N. Senhor. Deve haver oposição, antítese, senão a tese cairá na estagnação e não haverá nova vida superior, em tentativas felizes de síntese.

Isso vale, sobretudo, para os superiores nos conventos. Ai daqueles que com sua maneira autoritária abafaram completamente toda a opinião diferente. São de lastimar, pois caem no grande perigo de estacionar e retroceder na sua própria formação humana e religiosa. Ninguém é

infallível; precisamos sempre de corretivos. Santo Tomás, no tratado *De regimine principum* (1,9) aponta êsse perigo: “É muito difícil, como já disse Santo Agostinho, que alguém no meio da língua dos bajuladores, e das deferências dos que cumprimentam com demasiada humildade, não fique inchado e se recorde ser simples mortal... Daí tem razão o dito de Bias: (1) “O govêrno mostra o que há no homem” (*principatus virum ostendit*). Pois muitos, chegando à culminância do govêrno, decaíram da virtude que pareciam possuir enquanto viviam em situação inferior”. Nada mais prejudicial que um ambiente de bajulação, pois cria aos poucos nos superiores certa presunção da infalibilidade e a volúpia do mando.

À volúpia do mando corresponde outro grave perigo: o de abafar a personalidade dos súditos. Mas comunidade religiosa não é rebanho de carneiros. A obediência não tem por fim anular a personalidade ou quebrar a vontade. Vontade quebrada é aleijão. Obediência é meio para nossa personalidade aderir a Deus, para nossa vontade unir-se à vontade divina. Comunidade religiosa é o contrário da massa amorfa onde gosta de mergulhar o homem que tem medo da responsabilidade pessoal. O religioso não faz da obediência um colchão de molas para sua consciência. É personalidade bem formada que procura a comunidade para aceitar um “plus” em responsabilidade.

TESE, ANTITESE, SÍNTESE

Nem tese absoluta, nem síntese ferrenha, mas união de forças polares num corpo dinâmico para produzir resultados superiores: a síntese.

Para a formação humana devemos sempre ter em vista essa realidade. A dualidade essencial em todos os domínios da vida humana exige vigilância constante para não cairmos em fanatismos ou extremismos unilaterais. Apontei alguns perigos. Na polaridade “*alma — corpo*”, o desprezo injustificado do corpo por um ascetismo imbuido de idéias neoplatônicas ou até maniqueias. Necessidade de cuidar da saúde sobretudo do sistema nervoso, numa época de trabalho febril. No campo *espírito-psiue*: a formação muito cerebral; o recalque da vida afetiva, emocional. Mais naturalidade, menos desconfiança. No terreno “*indivíduo-comunidade*”: excessos de ambos os lados. Formas doentias de sobressair, esquisitices, intolerância. De outro: abafamento da personalidade pela comunidade ou por superiores autoritários.

(1) Sto. Thomás, *De regimin principum*, c. 9: “... secundum Biantis proverbium: principatus virum ostendit”.

CONTRIBUIÇÃO DOS RELIGIOSOS À REAÇÃO CONTRA O ESPIRITISMO

Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.
Petrópolis, R. J.

Insiste o caríssimo Pe. Irineu Leopoldino de Souza, S. D. B., que eu escreva algo sobre a contribuição que os Religiosos podem ou devem dar à campanha de esclarecimento dos católicos sobre o Espiritismo. Devo, entretanto confessar que não logrei descobrir uma atividade ou contribuição que, neste setor, fosse específica dos Religiosos. As determinações do Episcopado Nacional valem igualmente para todos quantos trabalham no pastoreio das almas. Quero, não obstante, aproveitar mais esta oportunidade a fim de acentuar e esclarecer alguns pontos.

1) *É preciso reconhecer lealmente a existência do Espiritismo como perigo certo e grave para a fé cristã do nosso povo.* Pode parecer estranho que eu insista num fato tão à vista. É que nem todos dão a impressão de viver na realidade, com os olhos abertos. Há ainda quem não queira acreditar na verdadeira extensão da necromancia, magia e heresia nos meios católicos do Brasil. Para eles o Brasil continua sendo “o país mais católico do mundo”, pelo simples fato de que 95% foi batizado na Igreja Católica. A ordem que os Apóstolos receberam de Cristo foi de batizar todos os povos “ensinando-os a observar tudo o que eu vos tenho mandado” (Mt 28,20). Esta observância ou prática das determinações de Cristo (“tudo”!) é tão necessária para a salvação quanto o batismo. “Quem *crer* e for batizado, será salvo; mas *quem não crer, será condenado*” (Mc 16,16), apesar de ter sido batizado. Não basta a “fé infusa” para termos aquela fé que Cristo reclama de seus seguidores como imprescindível. É uma perigosa ilusão, contrária à triste realidade dos fatos concretos, pressupor a existência da “fé adquirida” em todo adulto batizado que na hora do recenseamento declara ser católico. Mas é sobre

esta ficção que se organizou, no Brasil o apostolado pastoral. Nosso trabalho entre as almas não é um apostolado de conquista e conversão, mas de conservação e desenvolvimento de uma fé adquirida suposta pacificamente preexistente naqueles que se dizem católicos. É por isso que o grosso do nosso empenho pastoral incide apenas sobre aqueles que ainda cumprem seus deveres dominicais. O resto, os outros, os que não vêm ao nosso encontro, os que não se apresentam espontaneamente na igreja para ouvir nossas pregações e receber os sacramentos — e que são talvez 80% do total, ou mais — não são atingidos nem beneficiados, dentro do sistema do apostolado organizado entre nós, pela ação pastoral ordinária da Igreja. Falta de padres? Sem dúvida. Mas também lamentável equívoco na base do tipo de apostolado adotado. É precisamente nesta grande massa de católicos marginais, não mais influenciados por nossa atividade pastoral, que o Espiritismo conseguiu campo livre e desimpedido para praticar a necromancia e semear tôda sorte de heresias e superstições. Segundo uma informação oficial, fornecida pela cúria arquidiocesana de São Paulo e publicada no fascículo de Maio de 1955 do *Boletim Eclesiástico* daquela Arquidiocese, existem, só na dita circunscrição, 100.000 espíritas professos (que já não querem ser católicos), com 660 centros, um total de 1.000 (sic!) organizações sociais espíritas, 7 editoras espíritas, 17 jornais espíritas e uma estação de rádio exclusivamente ao serviço da propaganda espírita, além de vários programas radiofônicos em outras estações. É um exemplo apenas. Poderíamos lembrar outros, mais expressivos ainda, mas já os citamos em outras oportunidades. E basta êste para provar que o Espiritismo é um perigo certo e grave, só contestável por aqueles que não vêm ou não querem ver a realidade.

2) *É preciso conhecer as práticas e as doutrinas do Espiritismo.* Outros, embora reconheçam a extensão sempre mais alarmante do Espiritismo nos meios católicos, não o consideram contudo perigoso. Pensam que se trata dum movimento passageiro, produto da moda, entre gente ignorante e, no fundo, inofensivo, com finalidades filantrópicas. Mas também êstes vivem no mundo da lua. O analfabetismo, a ignorância religiosa e a falta de assistência social médica ou farmacêutica são sem dúvida fatores que favorecem a penetração e o florescimento do Espiritismo. Mas é perigosa ilusão pensar que o Espiritismo vai diminuir na proporção em que cresce o índice de alfabetização. Não são raros os médicos (sic!), advogados e, principalmente, os oficiais militares espíritas.

E o fato de não ser caso isolado encontrar praticantes da necromancia até entre membros das associações religiosas, prova que a mera e positiva instrução religiosa ainda não é suficiente para reprimir o Espiritismo e que a ignorância não é o fator responsável pela difusão das práticas de magia. E o crescente aumento do Espiritismo nos meios militares e em outros ambientes onde provadamente não falta assistência social, é argumento perentório para demonstrar que a intensificação da chamada ação social, por si só, ainda não seria o remédio definitivo para sanar a nossa sociedade da chaga espírita. Não sou contra a instalação de ambulatórios e outras assistências, assim como não sou contra a intensificação da instrução religiosa positiva, nem contra a alfabetização. Apenas concludo que não bastam êstes três fatores para combater eficazmente o Espiritismo. A prática da necromancia e a doutrina da reencarnação possuem em si elementos que atraem e aliciam certas naturezas. Basta assistir a algumas sessões espíritas, ler jornais e revistas ou estudar as obras básicas da já ampla literatura espírita, para compreender que a prática da necromancia (que é o fundamento necessário para qualquer tipo de Espiritismo) vicia e entoxica as almas e que a doutrina da reencarnação (indefectivelmente professada pelos nossos necromantes) é radicalmente contrária aos princípios básicos da mensagem cristã. Não acredito, por isso nos que alegam que o Espiritismo é um movimento passageiro, inofensivo e filantrópico.

3) *É urgente opor um dique à fácil e desimpedida penetração do Espiritismo nos meios católicos.* Por vários motivos não gosto da expressão "campanha anti-espírita". A razão principal é que a campanha pelo Episcopado Nacional não é pròpriamente uma ação contra o Espiritismo. É suficiente ler o texto para ver que se trata de uma cruzada de esclarecimento *dos católicos* sôbre as práticas perniciosas e divinamente proibidas dos necromantes e as doutrinas heréticas dos reencarnacionistas. Visa, pois, a campanha dificultar a penetração de semelhantes práticas e doutrinas nos meios católicos. Mas para isso é necessário que os fiéis sejam instruídos sôbre a necromancia, a magia, a superstição, a reencarnação e a consequente impossibilidade de ser ao mesmo tempo católico e espírita, de maneira que todos saibam e compreendam que praticar o Espiritismo e aderir às sus doutrinas significa deixar de ser católico. É justamente neste trabalho, que me parece tão lógico e urgente, que eu tenho encontrado da parte de alguns padres e religiosos cerrada oposição. Opinam êles que basta intensificar a instrução religiosa posi-

tiva; não querem nem permitem que se fale ao povo explicitamente sobre o Espiritismo. Eis um exemplo típico: fui convidado para certa cidade, bastante infestada pelo Espiritismo, a fim de precatar os católicos contra as práticas e doutrinas espíritas, mas com a expressa proibição de mencionar a palavra “espiritismo. e “espírita”... Nosso Senhor (contra os fariseus, por exemplo) e os Apóstolos (vejam-se as epístolas de São João e São Paulo) não conheceram este método. E se tivessem adotado, não teriam morrido mártires... Aliás, preciso recordar aos meus opositores que não preconizo um método puramente negativo. No segundo ciclo do *Material para Instrução sobre a Heresia Espírita* (Editora Vozes) apresento sempre e em primeiro lugar uma sucinta exposição positiva de um ponto da doutrina cristã e só então passo a demonstrar que esta doutrina é negada pelo Espiritismo e que, por conseguinte, não se pode ser católico e espírita ao mesmo tempo. É este o método constante em todas as instruções propostas. Parece-me um modo fácil, acessível e eficaz para incutir no povo a convicção sobre a incompatibilidade entre Cristianismo e Espiritismo. No texto da “campanha nacional contra a heresia espírita”, estudado e promulgado pelos Bispos do Brasil (cf. REB 1953, pp. 764-766) encontramos, entre outras, as seguintes determinações:

- “Pregação frequente sobre a heresia espírita”;
- “levar todos os católicos à informação segura e insofismável de que é impossível ser, ao mesmo tempo, católico e espírita”;
- “denunciar como espíritas todas as instituições que o sejam, apesar de trazerem nomes cristãos”;
- “exigir de todos os membros de Associações religiosas um juramento antiespírita”.

Tendo em vista este método, já a Pastoral Coletiva de 1915, reeditada e reconfirmada em 1948, dizia no n. 1194: “Mandamos que em todos os Seminários se preparem os alunos, nas aulas de teologia e apologia, para o combate eficiente contra o Espiritismo e demais erros”. E em 1953 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tornou a recomendar “cursos intensivos sobre o Espiritismo nos Seminários Maiores, enquanto durar a ameaça espírita”. Não sei até que ponto este mandamento é obedecido, inclusive nos cursos teológicos dos Religiosos...

ORIGEM. Marcelino José Bento Champagnat (2) nasceu em Marlies (departamento do Loire, na França), em 20 de maio de 1789. Com 16 anos e meio, abandonou a vida do campo, para a qual parecia feito, e ingressou no Seminário Menor de Verrières, na diocese de Lião. Não tinha estudos, o que, naturalmente, lhe trouxe certas dificuldades nos primeiros tempos de seminarista. Mas estas foram logo superadas, porque o moço Champagnat era muito inteligente, como bem o provaram mais tarde as notas obtidas no Seminário, as instruções que nos legou, e, principalmente, o modo como êle compreendeu, desde o início, a grande obra que a Providência lhe confiara.

Foi no Seminário Maior de Lião que lhe veio o primeiro pensamento de uma obra de Irmãos para a educação dos meninos da zona rural, os quais, por obra da Revolução Francesa, viviam então em grande abandono. Era a tecla que êle batia sempre num prupo de jovens clérigos que se reuniam, de vez em quando, para tratarem da organização da futura Congregação dos Padres Maristas (3).

(1) Nosso Instituto tem dois nomes oficialmente reconhecidos em Roma: Instituto dos *Irmãozinhos de Maria* (*Parvuli Fratres Mariae*, P.F.M.), ou Instituto dos *Irmãos Maristas das Escolas* (*Fratres Maristae Scholarum*). A expressão abreviada, *Irmãos Maristas*, empregada para designar-nos, e que usamos no título dêste trabalho, pertencia antes, de direito, aos Irmãos leigos da Congregação dos Padres Maristas, fundada depois da nossa.

(2) Pudemos notar, de vez em quando, certa confusão no modo de escrever o nome de nosso bem-aventurado Fundador. Em muitos monumentos e mesmo no Testamento espiritual do Padre Champagnat, aparece *José Bento Marcelino Champagnat*. Mas o nome certo como consta do registro civil, feito na "mairie" de Marlies, é *Marcelino José Bento Champagnat* (neste registro cometeram o erro de escrever MARCELIN com um L só).

(3) Esta Congregação foi aprovada pela Santa Sé em 1836, quatro anos antes da morte do Bem-aventurado Marcelino Champagnat, um de seus primeiros religiosos. Ainda não se estabeleceu no Brasil.

Após onze anos de estudos nos Seminários de Verrières e Lião, foi ordenado sacerdote em 22 de julho de 1816. Poucos dias depois, em 15 de agosto, festa da Assunção, iniciava o seu ministério como coadjutor de uma paróquia do campo, La Valla, perto de Saint Chamond.

O que viu da ignorância dos meninos em matéria de religião, superou de muito o que antes suspeitava. Tão desolado ficou, que já antes do fim de 1816 estava resolvido a pôr mãos à obra de fundação dos Irmãos. Adquiriu uma casinha muito pobre e nela instalou os seus dois primeiros discípulos, em 2 de janeiro de 1817. É esta a data que sempre contamos como ponto inicial de nossa história.

GÊNERO DE VIDA DOS PRIMEIROS TEMPOS. Os dois primeiros postulantes, e os primeiros que se seguiram, eram moços piedosos, mas muito atrasados. O Fundador devia formá-los para a vida religiosa e para a de professôres. Era também necessário ganhar alguma coisa para viver. Assim foi que, além das horas de estudo, os nossos primeiros Irmãos tiveram numerosas horas de trabalho manual. Nos primeiros tempos, exploraram uma indústria em voga na região, a de fazer pregos (4). Tivemos oportunidade de ver, ainda conservada, a modesta oficina em que os nossos predecessores cimentaram com o suor do rosto e muito espírito de sacrifício, a grande obra que nos legaram.

O regime de vida, tanto por espírito de mortificação, como por imposição de uma pobreza digna de Belém e de Nazaré, era um tanto austero. Mas era um pobreza aceita, e estamos longe de concordar com o conceito erradíssimo que formaram do Padre Champagnat certas pessoas que o “conheceram” de longe, e o qualificaram de muito severo. Ainda em vida do Fundador, em 1829, um de seus colaboradores, o Padre Bourdin, por se ter ausentado por uns dias, deu motivo a comentários, provindos, naturalmente, de pessoas “bem informadas” e contra os quais êle protesta numa carta ao Padre Champagnat: “Mille bruits absurdes, occasionnés peut-être par mon apparition aux Chartreux, s'étaient déjà répandus dans le voisinage que je ne retournerais pas auprès de vous, à cause des austérités dont votre maison *accable* et *martyrise* les pauvres Pères et Frères qui l'habitent!”. E êle termina a carta manifestando a saudade que sentia da paz que desfrutara sempre em l'Hermitage (1). A ausência durou apenas uma semana.

(4) Esta indústria ainda existe em Saint Chamond e na região (Cf. Mgr. Laveille, em MARCELLIN CHAMPAGNAT, pág. 88).

(1) *L'Hermitage*: primeira casa generalícia dos Irmãos Maristas construída pelo Fundador, em 1824 e 1825.

É verdade que o Bem-aventurado não era amigo da preguiça e que não consentia em conservar no Instituto os preguiçosos (“ceux qui ont mal aux coudes”, como êle dizia) e os que teimavam em guardar o espírito do mundo. E fazia muito bem. Nada melhor aqui do que o testemunho de alguém que passou mais de vinte anos com êle. Com a simplicidade que o caracterizava, o Irmão Lourenço escrevia em 1840, logo após a morte de Marcelino Champagnat: “Une mère n’a pas plus de tendresse pour ses enfants que Père Champagnat en avait pour nous... Jamais il ne se fâchait de notre maladresse pour le travail; il est vrai que nous avions bonne volonté, mais nous étions bien gauches, surtout moi... Il était l’ennemi déclaré des paresseux... Il a eu beaucoup à souffrir de certains esprits bizarres qui étaient difficiles à conduire. Ils étaient sûr, néanmoins, d’avoir une bonne part à ses prières, mais si, après avoir épuisé tous les moyens pour les gagner à Dieu, ils ne voulaient pas se corriger, oh alors il fallait passer la porte”.

Como prova de que o nosso Fundador tratava bem os demais Irmãos, digamos, para não nos alongarmos muito, apenas isto: em 1840, após a morte do Padre Champagnat, o que mais contribuiu para merecer ao Irmão Francisco, novo superior geral, a confiança dos Irmãos, foi o fato de todos repararem que as cousas continuavam como no tempo do Padre tão querido.

AS PRIMEIRAS ESCOLAS. A falta de espaço não nos permite relatar muitos fatos que nos autorizam a crer que o nosso Fundador teve uma assistência particular do céu. Há coisas inexplicáveis de outro modo.

A primeira escola dos Irmãos foi a de La Valla. Dirigiram-na a partir de 1819. Foi regida com tanta competência pelo Irmão João Maria (Jean Marie Granjon primeiro postulante a ser recebido pelo Padre), que os vigários e os “maiores” das localidades vizinhas logo pediram ao Padre Champagnat que lhes fornecesse Irmãos. O Padre Alliot, vigário de Marlies, que 30 anos antes batizara o pequeno Marcelino Champagnat, pretendeu ter direito de ser servido antes dos outros. E o foi. O “maire” de Saint Sauveur obteve Irmãos para a sua “comune” em 1820. Vieram pouco depois as escolas de Tarantaise, Bourg Argental, Vanosc, Boulieu, Chavanay, Saint Symphorien le Château e Ampuis.

Nas escolas dos Irmãos ensinava-se primeiro o catecismo e depois leitura, caligrafia, gramática francesa, aritimética, história e geografia, bem como canto gregoriano. Alguns estudavam desenho, geometria e escrituração mercantil.

PRIMEIROS VOTOS. Em 1824, o Padre Champagnat encetou a construção da casa de Notre Dame de l'Hermitage. Este empreendimento e outras atitudes anteriores do Fundador atraíram sobre êle uma tempestade de críticas e desaprovações. No dizer de todos, êle era um temerário que empreendia "loucamente" obras que por certo não levaria a cabo, um "ambicioso" que desejava o título de Fundador, um "orgulhoso" que não escutava conselhos... O Padre passou dias amargos. Chegou a ser abandonado pelo confessor que não sabia o que pensar do que via e ouvia.

Em Lião, em consequência do exílio do cardeal Fesch, tio de Napoleão, o govêrno da arquidiocese ficara entregue aos "Grands Vicaires" que procediam de modo mais ou menos discricionário. Um dêles, o P. Bochard, galicano ferrenho, a cujos ouvidos devia doer a notícia de que o Padre Champagnat formava os Irmãos na crença na infalibilidade do Papa, fêz o que pôde para acabar com a aprovação com que o primeiro Vigário Geral, Padre Courbon, sempre distinguiu o pobre perseguido.

As cousas estavam neste pé, quando a Santa Sé nomeou para Arcebispo Administrador da arquidiocese, a Mons. Gaston de Pins. O prelado, logo ao chegar, reduziu ao silêncio os oponentes, protegendo abertamente ao Padre Champagnat, a quem deu dez mil francos para auxiliar as construções.

Mons. de Pins autorizou igualmente o Padre a dar hábito religioso aos Irmãos e a receber os votos dêles.

Até então, os Irmãos não tinham hábito religioso pròpriamente dito. Ao ingressarem no Instituto, assumiam um compromisso que continha as principais obrigações da vida religiosa.

Os primeiros votos datam de 1826. Foram feitos sem aparato exterior, em segrêdo, após a sagrada Comunhão. Depois os Irmãos assinaram uma ata.

Os primeiros votos perpétuos datam de outubro de 1828. Foi a partir de 1836 que os Irmãos fizeram votos perpétuos em público. Nesta emissão tomaram parte 18 Irmãos. Os que haviam professado em particular, renovaram públicamente os seus votos perpétuos no mesmo dia (10 de outubro).

A partir de 1855 foi acrescentado um quarto voto, o de *estabilidade*, aos nossos três votos da religião.

ESPÍRITO DO INSTITUTO. O Bem-aventurado Champagnat

queria, como distintivo de seus Irmãos, a devoção a Maria, a humildade e a vida oculta.

No modo de entender dêle, a *devoção a Maria* se baseia nos dogmas da Maternidade Divina e da Mediação, que êle professava explicitamente. Queria que os Irmãos tivessem grande devoção a Maria Imaculada e lhe pedissem todos os dias a graça de evitar o pecado, sobretudo o pecado impuro. "Grave bem nos livros de seus alunos: Maria foi concebida sem pecado", escrevia êle ao Irmão Bartolomeu.

O Padre Champagnat foi dos primeiros a introduzir a celebração do mês de Maria nas paróquias, e um artigo da Regra que nos legou recomenda aos Irmãos não deixem de celebrá-lo fervorosamente com os alunos.

Convicto da eficácia da devoção a Maria, prescreveu aos Irmãos dessem cada semana um catecismo especial sôbre a devoção à Santíssima Virgem, e esta prática se observa ainda hoje, por prescrição das Regras.

Todos os dias os Irmãos rezam o ofício da Santíssima Virgem em comunidade. Devem igualmente rezar o têrço diàriamente com os alunos. No início de cada hora, em comunidade ou nas aulas, rezam uma Ave Maria.

Em suma, a devoção que um Irmão deve ter para com Maria se acha consubstanciada em duas expressões do Fundador: "Tudo a Jesus por Maria. Maria é o nosso Recurso habitual".

Depois da devoção a Maria, a *humildade e a vida oculta*. O Padre Champagnat foi inimigo declarado do exibicionismo, do espalhafato. É em Deus que os Irmãos devem pôr a sua confiança, e não nos meios humanos. Tanto assim que o Fundador não contava muito com uma obra qualquer quando percebia que os homens a gabavam muito.

Poucos autores espirituais se estenderam tanto como êle em comentários substanciosos sôbre os dois primeiros versículos do *Nisi Dominus*. As lições de espírito de fé, de confiança em Deus que o Padre Champagnat deduziu dêstes textos formaram uma geração de santos religiosos dignos dos mais belos tempos de qualquer família religiosa.

Quando notava que um de seus religiosos não tinha bastante piedade, não contava com êle para nada, quaisquer que fôssem, por outro lado, as suas prendas naturais.

Outra característica dos Irmãos deve ser a *devoção ao Papa*. Ainda, neste particular, são notáveis as instruções do Fundador: "O Papa é, para o mundo moral, o que é o sol para o mundo físico. Sem o sol, a

terra seria um caos; sem o Papa, ficaríamos na noite profunda do êrro." As encíclicas do Papa eram ouvidas de pé.

Apesar de ter vivido num ambiente galicano, o Padre Champagnat nunca foi abalado na devoção ao Representante de Jesus Cristo na terra. Um dia, encontrou um Irmão lendo um livro sobre a infalibilidade do Papa, e perguntou-lhe se acreditava nesta infalibilidade. Diante da resposta afirmativa do Irmão, êle acrescentou: "Eu também sempre acreditei, apesar de tudo quanto ouvi em contrário". Referia-se ao ensino do seminário e às conversas de seus amigos sacerdotes.

Os nossos Superiores neste ponto foram sempre fiéis imitadores do Fundador, e um autêntico Irmão Marista deve ser um fervoroso continuador dêstes modelos.

Para completar o que dissemos do que deve ser a nossa vida, digamos que em nossas casas deve haver um grande *espírito de comunidade*. Exceto em casos raros de dispensa legítima, os Irmãos devem fazer em comunidade as suas orações, devem estar juntos no recreio, no refeitório e nas horas de trabalho.

O Fundador quer que os Irmãos se guardem mutuamente. Enquanto seja possível, um Irmão não deve sair sem ser acompanhado por outro. Nenhum estabelecimento pode ter menos de três.

E pois que nos referimos às preocupações tomadas pelo Bem-aventurado Champagnat para a conservação da virtude dos Irmãos, não podemos deixar de mencionar a intransigência com que fechou nossas casas à entrada de mulheres. Teve mesmo uma questão séria com o Padre Douillet, da Côte Saint André, ameaçando até de retirar os Irmãos caso o Vigário, aliás santo sacerdote e seu grande amigo persistisse em viver na escola dos Irmãos, guardando consigo uma criada cujos serviços lhe pareciam indispensáveis.

A lição foi bem compreendida. Em dezembro de 1840, o Irmão Francisco, sucessor do Padre Champagnat, escrevia ao Padre Cholleton, vigário geral de Lião, suplicando intervisse junto ao vigário de Chavanay que também cogitava em vir morar com os Irmãos, trazendo consigo a empregada.

Enfim, filhos espirituais de um homem que ardia de zêlo pela salvação das almas, e que podia dizer em verdade: "Ver Deus ofendido e as almas perderem-se são para mim duas coisas insuportáveis e que me sangram o coração", os Irmãos Maristas devem envidar todos os esforços e aceitar todos os sacrifícios para a salvação dos meninos a êles confiados. Para isto, as normas dadas pelas Regras são repassadas de sabedoria.

Este zêlo deve estender-se até aos antigos alunos. As associações dêstes últimos têm por finalidade precípua conservá-los nos bons princípios hauridos no colégio.

EXPANSÃO DO INSTITUTO. Foi tão grande a aceitação da nova Congregação, que o Padre Champagnat não sabia como fazer para atender aos pedidos que de todos os lados lhe chegavam, tanto das autoridades eclesiásticas como dos representantes do poder civil. Ainda se conservam os textos de numerosas cartas dêle. Em muitas encontramos a queixa de que não lhe era possível fornecer os Irmãos pedidos. A última carta que assinou foi ainda para participar ao vigário de Pré Saint Gervais, nos arredores de Paris, que não estava em condições de lhe mandar os Irmãos que o bom vigário desejava (3 de maio de 1840).

O Padre tinha às vêzes lutas intermináveis com certas autoridades que à todo custo queriam Irmãos.

Quatro meses antes da morte do P. Champagnat, em 14 de fevereiro de 1840, o Instituto contava 250 Irmãos professôres em 43 estabelecimentos, com um total de 5.503 alunos. Nesta época havia 85 pedidos de fundação a que não se tinha podido atender.

Ainda em vida do Bem-aventurado, houve Irmãos que partiram para a Oceânia, em companhia de alguns Padres Maristas. De 1836 a 1859, 35 Irmãos seguiram para aquelas regiões.

Não terminaremos êste parágrafo sem uma pequena explicação: os discípulos da primeira hora eram moços bons mas sem estudos. Contudo o Fundador conseguiu formá-los convenientemente, e o certo é que fizeram um grande bem onde trabalharam. Teríamos muitas provas para esta afirmação. Contentamo-nos com o testemunho de um homem que sabia julgar, e que começara desconfiando do nosso Fundador. O Padre Cattet, vigário Geral de Lião, em carta de 24 de maio de 1830, já lhe dizia: "Continuai, caro amigo, a formar para a Diocese bons Irmãos que não poderão deixar de provocar um reflorescimento da religião nas zonas onde trabalharem".

Já naquele tempo se conhecia e se punha em prática o sistema de proteção, e era certamente uma prova de grande apreço em que era tido o Instituto o fato de muitas pessoas se valerem da influência dos Vigários Gerais de Lião para obterem Irmãos.

Para sermos justos, digamos que alguns Irmãos fizeram estudos superiores. Nem todos chegaram ignorantes. Assim, o Irmão Luís Maria, que havia de ser o segundo sucessor do Padre Champagnat, veio para o

Instituto depois de concluir o estudo da Teologia no Seminário Maior de Lião. Dêle costumava dizer o Cardeal de Bonald, arcebispo daquela Igreja Primacial da França, que era o Irmão “um dos três grandes teólogos da Arquidiocese”.

Os Irmãos, para poderem ensinar, tinham que prestar exames oficiais. Apesar de muitas vêzes as juntas examinadoras procederem com algum sectarismo, os resultados foram bons.

Em 15 de janeiro de 1834, o Padre Champagnat fazia notar que alguns Irmãos foram examinados em Saint Etienne, em 27 de dezembro precedente, e que todos tinham sido diplomados. Dos civis que com êles se apresentaram, só um foi aprovado.

APÓS A MORTE DO FUNDADOR. O Bem-aventurado Marcelino Champagnat faleceu santamente em 6 de junho de 1840, deixando o Instituto entregue ao Irmão Francisco, um de seus discípulos dos primeiros dias.

Em 1842 e 1944 foram anexadas à nossa duas outras Congregações de Irmãos Professôres. Este fato, talvez único na história dos Institutos religiosos, trouxe um aumento de número de Irmãos, e, portanto, de estabelecimentos. Os religiosos que nos vieram destas duas fusões viveram sempre em perfeita harmonia com os nossos. Nunca houve sombra das dificuldades que normalmente eram de se esperar.

Uns 20 anos depois, quando se tratou de pedir a aprovação da Santa Sé para a obra do humilde coadjutor de La Valla, Pio IX podia dizer: “Nunca uma Congregação me foi recomendada por tantos bispos”.

A grande época da difusão do Instituto foi o longo generalato do Irmão Teofânio (1883-1907).

Foi em 1897 que os primeiros Irmãos se estabeleceram no Brasil. Deram início à Província do Brasil Central. Em 1900, outro grupo começou a do Brasil Meridional, hoje dividida em duas. Enfim, em 1903, novo enxame veio dar comêço à do Brasil Setentrional.

O Bem-aventurado Marcelino Champagnat escrevia certo dia a um bispo que lhe pedia Irmãos: “Temos em vista tôdas as dioceses do mundo”. Hoje, se nem tôdas as dioceses possuem casas dos Irmãos, podemos dizer que êles se acham em tôdas as partes do mundo. Bento XV podia com verdade dizer ao nosso quinto Superior Geral: “O senhor é um Papa como eu. Sua jurisdição se estende ao mundo inteiro.”

O CELIBATO ECLESIASTICO

Frei Paulino M. de Sellere, O. F. M. Cap.

«Cave, time, fuge». Neste trinômio está a síntese das regras que o religioso deve seguir e do método, que o mesmo deve usar em relação ao voto da castidade. «Preocupar-se, temer e fugir».

«Vita sacerdotis, vita crucifera» (S. J. Crisós.). Esforcemo-nos por compreender a graça da Vocação e a confiança que a Igreja deposita em cada um de nós, tendo sempre diante de nós as palavras terríveis do Crisóstomo: «Facile emendantur laici delinquentes; clerici, si mali fuerint, inemendabiles sunt».

Lembremo-nos de que, se grandes coisas prometemos a Deus por ocasião da nossa Profissão e Ordenação, bem maiores coisas Deus tem prometido a nós (S. Francisco de Assis).

Embora tenha, de todos os religiosos e colegas, a maior estima e veneração, não deixarei de tratar de um tema um tanto delicado, mas que interessa diretamente a personalidade do religioso, maxime se fôr sacerdote.

Veremos brevemente:

- 1) Razões e afirmações do Celibato Eclesiástico.
- 2) Energias reacionárias ao Celibato Eclesiástico.
- 3) Energias condutoras e fatores conservadores do Celibato Eclesiástico.

I — Razões e Afirmações do Celibato Eclesiástico.

Falando a religiosos não carece afirmar que o Celibato é de instituição eclesiástica. Conhecemos também os mil e um sofismas lançados pelo mundo contra esta santa instituição. Vale bem a pena provar como a sabedoria humana presta homenagem à sabedoria divina. O casa-

mento é, sem dúvida, um estado santo e a Igreja cominou, oportunamente, a excomunhão contra os seus detratores que chamaram-no de mau. A Igreja porém, descobriu na palavra de S. Paulo outro estado superior, uma forma de vida mais pura e conseqüentemente mais própria para conseguir a perfeição: o da Virgindade.

Embora haja liberdade de escolha, mais digno e heróico é aquêlê, que reprime, com a graça de Deus, os apetites dos sentidos. Longe de ser uma prescrição rigorosa e tirânica, o celibato é, acima de tudo, uma lei de liberdade e de isenção de tantos cuidados e sacrifícios do estado conjugal, que o Apóstolo chama de «tribulações da carne». Santo Agostinho assim se espessa no tocante à vida conjugal: «Habet jucunditatem falsam, asperitatem veram, certrum dolorem, rem plenam miseriae». A tolerância recíproca, os problemas econômicos, os sofrimentos físicos e morais, a educação da prole e uma série de responsabilidades são coisas que amarguram a vida conjugal. Êste é, porém, simplesmente um aspecto que evidencia a superioridade material e temporal do Celibato sôbre o casamento, não as razões verdadeiras e principais. Se fôsse por isso mereceríamos a censura de egoistas e comodistas. Superiores e mais nobres são as razões do Celibato Eclesiástico: além da incompatibilidade do nosso estado com o estado matrimonial estão as razões de conveniência, de excelência do nosso estado, da sublimidade da nossa missão, que estão a exigir um nível espiritual superior a qualquer outro, um despreendimento total das criaturas.

Se não formos nós, quem executará os conselhos evangélicos?

A continência não é um suplício ou uma impossibilidade, como alguém pode imaginar. O religioso-sacerdote, fiel ao seu voto, adapta-se à vida de continência com relativa facilidade, tomando insensivelmente o caráter de um hábito doce e fácil. Para a virtude, como para o vício, o hábito forma uma segunda natureza.

A castidade continua a ser a mãe da santidade, da força e do vigor. Ela confere ao homem uma encantadora longevidade; uma velhice florescente; assim como uma juventude sensual debilita a economia orgânica e apressa prematuramente a velhice. Os grandes gênios, as almas superiores, os espíritos profundos surgem mais comumente na galeria dos homens celibatários.

A continência intensifica a ação inspiradora e criadora das faculdades, afina a inteligência, dando asas ao pensamento. E' um manto de

frescura e de verdade que envolve o ser humano conferindo-lhe uma superioridade intelectual e moral sôbre os demais.

Os mesmos pagãos conheceram o encanto e a grandeza d'êste estado. O poeta Virgilio homenagea os sacerdotes castos, embora pagãos: «*Quique sacerdotes casti, dum vita manebat*».

Eles chamam ao serviço dos deuses e das deusas o celibato e a virgindade. Isides, Vesta, Cereres são cercadas de virgens. Somente elas são dignas de guardar o togo sagrado e receber as mensagens do céu. Para elas os primeiros lugares, para elas as homenagens mais brilhantes. Os chineses diziam que os sábios, os libertadores nascem de mulher virgem. Também nos gregos encontramos a mesma convicção. Os grandes heróis de Homero são filhos dos deuses, não do homem, embora nascidos de mulher. A antiguidade toda sentiu de uma maneira arcana que a virgindade aproxima de Deus. Nosso Senhor distingue duas classes de celibatários: A primeira é dos que são impotentes por natureza ou violência recebida. Nisso não há merecimento. A segunda categoria pertencem aquêles que voluntariamente se dominam e que espiritualmente mutilam-se. Esta é altíssima perfeição. Dêles é o Reino de Deus. «*Qui potest capere capiat*».

O Celibato Eclesiástico proporciona à Igreja católica a supremacia espiritual sôbre qualquer confissão religiosa; é o baluarte da sua intangibilidade, o segredo da sua catequese, a força propulsora das suas conquistas.

Um paralelo entre o ministro casado das múltiplas comunhões cristãs, protestantes e cismáticos, e o sacerdote católico demonstrará a superioridade d'êste último. E' uma constatação de grande valor apolo-gético. E' bem difícil, sinão impossível exigir de um ministro casado uma prova suprema de intrepidez e heroísmo.

As célebres epidemias, que dizimaram inteiras nações, encontraram nos Sacerdotes católicos verdadeiros arrojos de heroísmos. Assim foi em numerosas calamidades públicas, como nas epidemias de Marselha, de Genova, de Milão, nas quais centenas dêles tombaram vítimas da caridade. A opinião pública pediu satisfação, numa de tais circunstâncias, ao arcebispo anglicano de Dublin, diante da cobardia e recuo dos ministros anglicanos, replicando o mesmo arcebispo que os moribundos não necessitam de assistência religiosa, pois a doença os purifica e salva. Durante a célebre peste de Genebra, na Suissa, os ministros cal-

vinistas declararam, de público, que prefeririam ir ao demônio do que assistirem aos contagiados.

Nas missões, entre povos pagãos, a história repete-se no mesmo ritmo: audácia, sacrifício, heroísmo por um lado, covardia pelo outro. E a razão está no celibato do Sacerdote católico, o qual, livre e desempejado dos laços do sangue, torna-se um holocausto para salvação das almas, os interesses da Igreja e a propagação da Fé entre os infiéis.

Como os governos escolhem, em caráter geral, para soldados os homens livres dos deveres conjugais, justamente porque esposos e pais mal saberiam desafiar a morte nos combates, da mesma maneira a Igreja quer os seus Sacerdotes livres da família para que melhor se dediquem à causa de Deus.

Eis as razões e afirmações do celibato eclesiástico. Com a Igreja, esposa mística de Cristo, nós cantaremos o cântico da divina sabedoria: «O quam pulchra est casta generatio cum claritate! Immortalis est enim memoria illius, apud Deum nota est et apud homines».

II — ENERGIAS REACIONÁRIAS AO CELIBATO ECLESIASTICO

A reação é uma lei física, biológica e moral, que age, às vezes, para fins de equilíbrio, isto é, como força centrípeta; outras vezes para fins de distribuição e torna-se centrífuga. Dela não escapam as criaturas e as instituições. Sem a reação não existiriam os santos, os heróis e os gênios.

A classificação das forças reacionárias, ou simplesmente dos inimigos do celibato, exigiria um estudo completo, que foge ao meu intuito. Não tenho em vista dissertações de caráter histórico, sim de argumentos, que venham fortalecer as nossas convicções, e que facilitem o conhecimento dos nossos deveres religioso-sacerdotais, livremente aceitos.

Contra a integridade de seu celibato o religioso-sacerdote encontra inimigos poderosíssimos: dentro de si e fora de si.

1º DENTRO DE SI, isto é, na sua própria natureza. Se pela dignidade vence a dos mesmos espíritos celestes, pelos instintos da carne iguala-se aos demais homens. A mesma gravitação para o vício impuro fez dizer a Santo Agostinho: «irrueram in voluptates, irruerant in me dolores» sinto-me crivado de volúpias, de dores. E' o brado lancinante

da natureza, que apetece o prazer proibido e que havemos de sufocar relegando-o ao ostracismo. Se isto representa uma imposição para os simples cristãos, mais premente o será para o religioso, o qual, além do Decálogo, tem o voto de castidade.

O Sacerdote e o religioso representam sôbre a terra Aquêle que desafiou os homens para que o acoimassem, se possível fôsse, de pecado. Eles devem brilhar aos olhos do povo, diz S. João Crisóstomo, como o sol, pela supremacia das suas virtudes, e, acima de tudo, por uma castidade perfeita.

E se o religioso fôr pároco destinado pelos Superiores ao ministério das almas, não é Ele o anjo tutelar da paróquia confiada à sua vigilância; o incorruptível guardião dos costumes públicos? Não é Ele o modelo de imitação para os seus fiéis? Que vergonha e qual humilhação para a Igreja, se, ao envés de mostrar-se exemplar fôr desregrado nos seus costumes particulares! Um simples fiel pode abrandar suas culpas aos seus próprios olhos com a intenção de repará-las. Mas para o religioso pároco é... impossível!

Será possível traduzir as suas agitações interiores, as preocupações mortais no vai-vem dos seus prazeres culposos, a cruel apreensão de saber seus desregramentos transparecerem aos outros e ver-se, êle mesmo, dentro de pouco tempo, trazido para o humilhante tribunal da opinião pública? A tranqüilidade que êle gozava nos anos da sua inocência sucederam-se êsses longos dias de relaxamento e acabrunhamento. Tornou-se alvo de tristeza pela terra, de maldição para o céu, de alegria para o inferno!

E assim, com a sua má conduta, compromete:

- A) A sua própria reputação.
- B) O seu ministério.
- C) A honra do Sacerdócio
- D) O prestígio da religião católica.

A) A própria reputação. O tesouro de uma boa reputação é aquilo que existe de mais importante para os homens de tôdas as classes e condições. Para um religioso-sacerdote a reputação é a propriedade suprema, mais ambicionada, mais preciosa do que a própria vida e o próprio sangue.

Os Sacerdotes são as flores mais puras da Igreja e a parcela mais nobre do exército de Cristo. Êles devem ser portadores de uma profunda

susceptibilidade pela conservação da honra. O que é de pequena gravidade num leigo pode ser um assassinato moral para o sacerdote. Indulgente, para consigo mesmo, o mundo imagina que tudo lhe seja permitido e tudo lhe seja perdoado; os escândalos mais graves são aos seus olhos simples fragilidades; mas este mundo não perdoa ao religioso-sacerdote; é inexorável e sem misericórdia em julgá-lo. Para os maus é um dia de delírio satânico; uma vitória poder trazer à luz, sem contestações, qualquer destes escândalos. E o escândalo propaga-se com a rapidez do raio, acabando por interessar mais do que os acontecimentos políticos, o esporte, o comércio, etc... Tais fatos passam de boca em boca criando asas para os quatro pontos de uma Paróquia, de uma Diocese, de um Estado e até do País, já que a má imprensa incumbe-se disto, através dos seus noticiários. Os bons desanimam, os herejes triunfam, os maus riem-se, a Igreja chora: «ploravit super filios suos, quia non sunt». O sacerdote é o censor do povo, e o povo, em tais circunstâncias, torna-se o censor mais temido e mais intransigente do sacerdote.

B) **Compromete o seu Ministério.** Nada é mais forte e mais convincente do que a regularidade de um sacerdote. Ele exerce sobre o povo um poder mais eficaz do que o dom da eloquência. Sua vida desprende um aroma de santidade que melhor faz gotejar a divina moral da religião, do que os discursos floreados e doutrinários de um hábil orador sacro. O povo tem menos necessidade de oradores do que de modelos de virtudes; eles fixam-se mais nos fatos do que nas palavras. A vida de um vigário, para o povo, é o Cristianismo e o Evangelho em ação; a religião é um negócio mais de prática, que de ensinamentos. O bom exemplo vale por um curso de religião e de moral. Este apostolado é o mais decisivo, o mais convincente. O sacerdote virtuoso inspira uma admiração íntima. Num sacerdote a primeira virtude é a da castidade. Imaginemos um sacerdote talentoso, eloquente, culto, mas de conduta irregular; sua palavra no púlpito, no confessionário, nas reuniões, nas famílias perderá toda eficácia. Destruirá com u'a mão, aquilo que construiu com a outra. Será acoimado de hipócrita, de espertalhão, empenhado em empurrar para os outros uma mercadoria, que ele mesmo pouco aprecia. O nome sagrado da religião, da moral e da virtude, na sua boca, perderá toda a força psicológica. Não é raro ouvir dizer: «o nosso Vigário é um sábio, mas infelizmente não executa aquilo que prega». O contraste chocante entre a teoria e a prática anestesia o efeito da palavra. Este mesmo

povo poderá lançar-lhe no rosto: «medice, cura teipsum. Cur ergo haec quae dicis, ipse non facis?»

C) **Compromete a honra do sacerdócio católico.** Não somente a conduta desregrada ou simplesmente imprudente compromete a si mesmo, mas a honra dos seus colegas inocentes. Qualquer coisa da qual o sacerdote seja responsável, se a mesma adquirir publicidade, estende-se à classe sacerdotal, da mesma forma que o pecado original estende-se a toda a raça humana. É um crime jogar sobre uma inteira corporação os vícios de alguns dos seus membros. Tal procedimento do mundo contraria todas as regras da equidade e da lógica. Existe, porém, uma tal solidariedade entre todos os sacerdotes que as culpabilidades de um são imputadas a todos, como se fôssemos cúmplices. Quando infelizmente, ou por calúnia ou por algum vislumbre de verdade, a falta de um nosso irmão toma vulto na opinião pública, pela propaganda da má imprensa, o povo nos olha com desconfiança e a nossa passagem, nos logradouros públicos, é motivo de comentários por parte da população. «Ab uno disce omnes». Esta que é a triste verdade! Assim é feita a justiça do mundo: vai do particular à coletividade. Bourdalou pondera o seguinte: «Quando as coisas são bem feitas, ninguém as comenta; aquilo que fôr ruim num só, todos têm a mesma sorte». É justamente o que acontece no nosso caso. Sobre cem, noventa e nove são dignos, zelosos, santos, e um, desajuizado; para o mundo, ninguém mais prestará. Um corolário ilógico, mas real.

Pois bem, caros co-irmãos, saibamos, em nome do nosso prestígio e da nossa solidariedade, em nome, finalmente, da caridade fraternal, que nos une, saibamos poupar aos nossos colegas de vocação, tamanha deshonra.

D) **Compromete o prestígio da Igreja.** Para o homem vulgar a religião é o sacerdote. A religião está tão intimamente identificada com êle, que a mesma prospera e decresce em proporção do grau de influência que o sacerdote exerce no povo. É tempo perdido querer convencer o povo da distinção entre um e outra. Daí provém que o povo facilmente dirá com o poeta: «Si princeps deorum, Jupiter, hoc fecit, cur non facerem ego, qui sum mortalis?». S. Agostinho escreveu: «Laicus, qui vult bene vivere, cum atenderit clericum male vivere, male vivit». São Bernardo diz que a «cleri scelerata vita» é para a Igreja, um

revés humilhante que abre uma chaga profunda. E' uma calamidade mais prejudicial do que as perseguições religiosas dos primeiros séculos. O mal não tem remédio porque parte de uma personagem, que reveste as propriedades do remédio.

Grande parte do sucesso, por parte dos ímpios contra o catolicismo, reside na exploração de tais escândalos; para a classe ignorante é a mais poderosa objeção. Ainda hoje os nossos inimigos exploram velhas crônicas, exumadas do arquivo do passado, para debilitar a moral de um Papa, de um Bispo, de um Vigário, de um Religioso. Certas anedotas contemporâneas sobre fraquezas morais de alguns sacerdotes são lançadas como alimento à avidez insaciável da opinião pública, no intuito de desmoralizar a nossa religião. Tais coisas decidem do destino da religião nas paróquias. As consequências são desastrosas; não é um simples arauto que se dobra, sim um grande cedro anoso que tomba com ruído enorme, extinguindo a vida, ao derredor, que outrora protegia com sua sombra benfazeja.

Examinai uma de tais paróquias onde tenha havido algum de tais escândalos. Aquilo que passou, há dezenas de anos, é recordado como se fôsse coisa recente. O tribunal da penitência é deserto; a mesa Eucarística sem convivas e sem adoradores; no Domingo é mínima a frequência ao Santo Sacrifício da Missa; a infância abandonada e rebelde; a mocidade depravada; a velhice impenitente e endurecida. E' uma terra infeccionada pelas abominações do Santuário. Sobre esta paróquia paira a sombra da morte.

De certo é bem difícil cicatrizar uma ferida ocasionada pela má conduta de um eclesiástico. Precisar-se-á uma sucessão de elementos piedosos como anjos, dedicados e vigilantes como mães, fervorosos como apóstolos, heróis de virtudes, para apagar da memória o nome daquele, que S. Bernardo chama «monstro na ordem da religião e da moral».

Não há dúvida de que um sacerdote segundo o coração de Deus é a maior benção que a Providência possa dar a um povo. Quando o homem tem a honra de ser, sobre a terra, o representante de Deus e o conviva de Jesus Cristo; quando, acima de tudo, cada manhã, ao altar, bebe um licor divino e misterioso, que nem os Anjos podem saborear; quando ele traz na sua frente a realeza do Sacerdócio, não será um horror que ele se rebaixe ao papel infame de sedutor e corruptor da moral e que se torne o carrasco das almas, das quais haveria de ser o pai e o salvador? Sim. O religioso-sacerdote, que falha na pureza, é como um anjo preci-

pitado do céu e convertido em demônio. A graça da penitência dificilmente ser-lhe-á concedida!

Que Deus nos preserve de tal desgraça! Redobremos as precauções, evitemos até a aparência do pecado, formemo-nos na vida dos santos religiosos, que nos precederam, haurindo nos mesmos a força e o exemplo para navegarmos entre escolhos sem perigo de naufrágio.

2º **FORA DE SI.** As energias reacionárias do Celibato provêm também de fatores externos. Refiro-me aos perigos específicos da integridade moral ou bons costumes de um Religioso-Sacerdote, e não a qualquer outro setor da sua vida, onde igualmente deparar-se-á em numerosos obstáculos. Limitá-las-ei a duas:

A) Mulher

B) A falta de precaução no Confessionário.

A) **A Mulher.** Um dos meios eficazes para salvar o tesouro da inocência, que trazemos num vaso quebradiço, é de evitar as relações inúteis com as pessoas de sexo diferente.

O eclesiástico, que vive no exercício das suas funções ou no ministério da caridade nada terá de receiar, porque acha-se acobertado pelo manto da graça, que cria a invencibilidade. Iminente será a derrota, se êle alimentar liames imprudentes, não justificados pelo dever pastoral. Se Deus favorece sempre o homem prudente e fiel, nega sua proteção aos temerários, que afrontam presunçosamente o perigo e os pune, frequentemente, pela humilhação de uma queda no intuito de corrigí-los.

O amor profano é uma paixão subtil, que se infiltra docemente, injetando imperceptivelmente a morte do pecado na alma. Viver com certas pessoas de maneira íntima, pensando de resistir à sedução das mesmas, significa exigir um milagre superior ao da ressurreição de um morto. A comparação é de S. Bernardo: «Cum femina semper esse et feminam non cognoscere, hoc ego majus esse puto quam mortuos resuscitare». O princípio da libidinagem consiste nas visitas inúteis das mulheres: «initium libidinis est in visitatione mulierum». — Um tal milagre Deus não opera e nunca o operará em favor dos presunçosos! Estas relações, que de costume começam pelo espírito, acabam comumente pela carne! E desta maneira uma pequena imprudência preluda a lutas inevitáveis, combates violentos e mesmo a fraquezas graves, que escandalizam a terra e entristecem o céu. E' uma verdade incontestável que o sexo mais fraco, tornou-se o sexo mais forte.

A mulher, fisicamente mais fraca do que o homem, é moral-

mente mais forte do que o homem, quer no bem como no mal. Eva triunfou sobre o homem no paraíso terreal, as filhas de Eva, de todos os tempos, não são menos hábeis na arte de seduzir os filhos de Adão. O homem que salvou os Judeus das sanhas dos Filisteus, capitulou incondicionalmente na presença de Dalila; o vencedor de Golias, tornou-se escravo de Bersabea; o rei mais sábio, apóstata. E a experiência continua, hoje como ontem, em ponto grande na história dos povos, em miniatura na vida privada do indivíduo.

Nem o gênio, nem o heroísmo, nem a santidade são barreiras suficientes para esta ameaça, que é a atrativa da mulher. Não foi sem razão que um escritor romano chamou a mulher: «o destino da vida social». Horácio constata sãbiamente que a filosofia da mulher é prática, enquanto a filosofia do homem é simplesmente especulativa; o homem tem a idéia, a mulher detem o primado da ação. Sob a inspiração da mulher a humanidade tem incorrido nos maiores erros e desvarios. Na política, na diplomacia, nas corporações militares e sociais, na paz e na guerra, a figura da mulher tem exercido missões sombrias e catastróficas. Os maiores gênios militares e políticos do século passado e da história contemporânea sorriem ao lado de uma encantadora criatura e oferecem um espetáculo macabro, quando, por culpa desta última, se vêm arrastados ao cadafalso. Desmorona por isso o Império Romano, perpetraram-se os crimes hediondos em nome da mulher ou pela mulher.

A mulher participa nas heresias. O erro é uma espécie de geração espiritual, é concebido pelo homem e é propalado pela mulher. São Paulo, na 2ª Epístola a Timoteo, apresenta-nos os primeiros herejes do cristianismo como devassos, amigos das mulheres levianas e libertinas, delas se utilizando para a propaganda da heresia. O protestantismo é mais uma crise moral do que uma crise doutrinária; uma revolta contra o celibato, uma apologia do concubinato e do divórcio. O Anglicanismo é uma experiência histórico-religiosa do poderio moral da mulher, que transtorna a cabeça coroada de Henrique VIII e a vida inteira de uma nação.

No século XVII as filosofias de Voltaire e Rousseau triunfaram pelo fanatismo das damas da alta sociedade e da burguesia; o ateísmo do século XVII não partiu das Universidades, sim dos salões elegantes de Paris, que fervilhavam de tais mulheres eloquentes e irresistíveis. A história contemporânea é farta de episódios a documentarem como a mulher, pela moda e pelo cinema, pelo encanto e as suas extravagâncias,

continua sendo o «trampolim» de tôdas as investidas contra a Igreja e seus Sacerdotes. Existiriam, nas grandes metrópoles, criaturas de rara beleza e fulgurante inteligência, escaladas pelo judaísmo internacional, pela maçonaria e pelos inimigos da Igreja Católica, para seduzir algum sacerdote de grande projeção social? Eis o perigo! A fraqueza temperamental de um sacerdote e a força instintivamente sedutora de uma criatura de sexo oposto podem culminar, quando favorecidos, numa catástrofe moral.

Portanto limitar os contatos ao estrito necessário. Eis aquí uma constatação interessante: «Memento, fili, quod sal ex aqua est, et si appropinquaverit aquae, continuo solvitur; homo etiam ex muliere est, et si appropinquaverit mulieri, solvitur et ipse». Três coisas o homem perde em seus inúteis contatos com mulheres: «lucrum cessans, danum emergens, periculum sortit». O mesmo cuidado deve ser adotado para com os elementos de associações religiosas como zeladoras, filhas de Maria, senhoras piedosas, viúvas, criadinhos, cantoras, etc. e tôdas aquelas mulheres, que ao dizer de S. Paulo: «sunt otiosae, verbosae, curiosae, loquentes, quae non oportet». O povo tudo observa e de tudo maligna. Sôbre as residências religiosas todos os holofotes, que são os olhos dos maus, convergem de uma maneira suspeita, gravando fuxicos. Por causa disto não poucos tiveram de abandonar a residência no auge de um bellissimo apostolado.

Combater as paixões no início. Desde que o aspecto e o caráter de uma pessoa agrada e excita, e a ausência da mesma desperta saudade, urge cortar qualquer ligação. E' um dever de prudência não menos que de consciência. São Gregório conta, nos seus diálogos, que um sacerdote muito velho estava a poucas polegadas da morte quando uma mulher jovem, mas piedosa, aproximou-se do seu rosto para saber se ainda respirava e o velho sacerdote, com um fio de voz, disse: «Retira-te daqui, mulher, que o fogo ainda não está apagado».

Nunca receber uma jovem sem que a mesma esteja acompanhada por outra. «Solus cum sola, secreta et absque arbitro vel teste, non se deas» (S. Jerônimo). A honra correria perigo e a consciência também; «periclitatur fama, periclitatur et conscientia».

Reduzir as visitas inúteis. Tais visitas, às famílias seculares, quando desnecessárias e repetidas, são também prejudiciais para a virtude e o nome do religioso. Antes de mais nada o ambiente mundano, as conversas, as familiaridades, os trajés, uma certa agressividade por parte

de mocinhas e moças, que, dentro da própria casa julgam-se com direito de tomar certas liberdades, inocentes embora, tudo concorre para prejudicar os incautos. E é muito natural que, em tais circunstâncias, nos disfarçemos em atenções e toleremos, queiramos ou não, tudo aquilo. E depois os ciumes das famílias que não visitamos e que se consideram esquecidas...

Para alguns êstes quadros não de parecer exagerados, saturados de uma boa dose de pessimismo. Quinze anos de vida missionária, percorrendo dioceses, visitando um número sem número de regiões, são as credenciais para tanto. Além disto está a doutrina da Igreja, os dispositivos das pastorais, circulares, sínodos... Sei perfeitamente que o religioso vigário nunca poderá deixar de ter contactos directos ou indirectos com suas paroquianas, dentro de casa, fora de casa, na Igreja, nos salões... porém sempre tangido pelas suas obrigações, no exercício do seu ministério, nunca por simples passatempo, sempre mantendo atitudes, que imponham o respeito. Infelizmente não podemos prescindir da cooperação da mulher e particularmente das moças, especialmente por ocasião de festas religiosas, para o asseio da Igreja, catecismos, escolas... Nada porém acontecerá se o ministério fôr exercido dentro das normas expostas e com a maior retidão de pensamento.

B) Precauções no Tribunal da Penitência.

A virtude de um religioso sacerdote não é somente exposta ao contágio da atmosfera impura, que respira no mundo; pode enxovalhar-se também no cumprimento de certas funções ministeriais, particularmente na direção das consciências. Como a agua se corrompe recebendo as imundícies de uma grande metrópole, assim o sacerdote, depositário e confidente de tôdas as fragilidades humanas, está exposto a contrair tais sujeiras morais ao mesmo tempo que purifica as dos outros. Urge que o guia das almas sobressaia pela prudência conservando seu coração virginal livre de qualquer reflexo pecaminoso, semelhante ao sol, cujos raios permanecem puros, mesmo quando se projetam sobre cloacas imundas.

Usará portanto de grande delicadeza em tratar de assuntos, que são verdadeiros tições ardentes e candentes. Deve-se agir com tímida desconfiança, uma extrema reserva, acima de tudo no tocante a certas interrogações, que a integridade da confissão está a exigir. O diretor espiritual e o confessor não devem, nunca, levantar um veu, que pode

ser deixado descido. Deve reprimir no penitente a dureza das expressões e tudo aquilo que é supérfluo ou indiscreto. Ele mesmo usará de uma linguagem casta, sem nunca melindrar a delicadeza dos penitentes ou das penitentes. A remissão dos pecados e algum sábio conselho, para uma vida virtuosa, é a única finalidade da confissão. Deve-se reduzir ao mais estrito necessário qualquer relação com pessoas devotas. Ao invés de perder um tempo precioso em inúteis consultas, o confessor deveria preocupar-se, com maior dedicação, da conversão de pecadores empedernidos que vivem, há anos, afastados da Igreja e dos Santos Sacramentos. Em alguns, isso representa uma verdadeira mania; enquanto homens e rapazes são despachados em dois ou ao máximo em cinco minutos, leva-se quinze minutos, meia hora e algumas vezes uma hora, para confessar uma moça, com grande admiração do povo, que tudo observa; e todo este tempo para ouvir escrúpulos insignificantes e uma infinidade de detalhes, que a consciência não reclama, nem tão pouco o progresso na perfeição. «Non necesse habent sani medico, sed qui male habent».

Um sacerdote, ainda novo e inexperiente, haveria de aconselhar essas jovens penitentes, a procurarem como diretores confessores idosos e experimentados. É bem sintomático que, em geral, estas penitentes só procurem sacerdotes relativamente novos. É uma temeridade imaginar de possuir a força, a piedade e a pureza de resistir às consequências de uma direção, que se realiza «sub specie vel pretextu amicitiae spiritualis».

O confessor quando notar que a sua pureza pode sofrer qualquer alteração, na direção de uma alma, ele recusará a direção de tais pessoas, lembrando-se que, para dar a vida aos outros, não deve expor-se à morte de si mesmo. O sacerdote não deve nunca revelar-se como simples homem no tribunal sagrado, mas sempre revestido, pela gravidade e a prudência, do caráter divino da sua missão.

O mundo, pela prática da confissão, nos dedica uma confiança quase milagrosa, proclamando assim a santidade do sacerdócio católico.

III) ENERGIAS CONDUTORAS E FATORES CONSERVADORES

Chegamos assim à terceira e última parte desta tese. Nada de novo traz o presente trabalho. São os mesmos conselhos de sempre, desde o tempo do Seminário, Noviciado e Estudantado; desde o retiro da nossa Profissão e Ordenação. A doutrina da Igreja é eterna como o Evangelho.

Os esteios graníticos do nosso celibato são três:

- A) A Oração
- B) O Estudo
- C) O Trabalho.

A) **A oração.** «Oratio, murus castitatis, pudicitiae praesidium, tutamem et propugnaculum».

A Oração é o baluarte da castidade, a sentinela da alma, a projeção e a força do combate. Nós precisamos de luz, de força, de perdão e a oração é o trâmite, que nos proporciona êste patrimônio de riqueza espiritual, indispensável para todos, mas particularmente para o bom religioso. A Oração é o tributo de dependência, é uma homenagem de adoração das criaturas para com o Criador. Se a profissão faz o religioso, a oração sozinha faz o bom religioso. É a seiva da santidade, que afasta de nós o perigo do pecado e nos mantém fiéis aos nossos deveres, livremente assumidos com o voto. Sem ela arriscamos perder o fervor da nossa piedade, aquela delicadeza de consciência, aquela severidade de costumes, que deve ser a característica nossa. A Oração, seja ela mental ou oral, é o suplemento indispensável para a insuficiência do homem e um conforto para a sua fragilidade. A invocação divina é o brado instintivo dos religiosos; é uma questão de vida ou de morte para êles. «Perstat sicurus qui orat, cadit qui non orat».

B) **O estudo.** Um dos melhores preservativos contra as tentações é o bom emprego do tempo, e certamente, após a oração, o estudo é; para o religioso, a mais poderosa defesa dos seus costumes, a mais segura garantia da fidelidade aos seus compromissos. A vida intelectual aperfeiçoa a vida espiritual e moral. O estudo nos mantém constantemente numa atmosfera superior, eleva, enobrece, enriquece os nossos conhecimentos e, além disto, não permite nos deixar dominar pelos sentidos. É muito óbvio que o alvo dos nossos estudos deve, em primeiro lugar, atingir as ciências eclesiásticas (ascética, teologia, moral, arte oratória, liturgia); depois disto o cultivo das letras. A cela é uma espécie de abrigo, para defender-nos da ociosidade, das preocupações inúteis, das dissipações perigosas. «Ama scientiam scripturarum et vitia carnis non amabis». A inação completa é um estado impossível. Ou no bem ou no mal o homem tem necessariamente de ocupar o seu tempo. Qual é a vida do religioso, que não ama o estudo? Êle se considera dentro da re-

sidência, como um passarinho de gaiola, e não encontrará outro remédio, sinão a dissipação, músicas e novelas de rádio, revistas, visitas ociosas, tagarelices, passeios, romances. Sei perfeitamente que os trabalhos, impostos pela santa obediência (pregação, aulas, catecismo, assistência aos doentes, etc.) mal deixam o tempo para a reza do Breviário; é possível porém que êstes meus conselhos não deixem de calhar para alguém.

C) **Trabalho.** Ler, rezar e meditar, sem alguma distração é impossível para a maior parte dos homens e contrário à natureza. Existe uma outra ocupação, que pode prender útilmente o tempo do bom religioso. E' a do trabalho manual, que exercita e treina as forças, abrandando o exercício das faculdades intelectuais, proporciona o repouso da imaginação, afasta qualquer tentação. E' certo que a inação é como a água paralizada de uma pôça; nela criam-se os focos de infecção; da mesma maneira a ociosidade proporciona tentações e mais tentações.

Em quantas ocupações úteis um religioso de espírito pode ocupar-se. Em primeiro lugar a Igreja com trabalho de limpeza, conservação... na residência organizando bibliotecas, arquivos... no quintal, cuidando do plantio, enfeitando as varandas com flores, trepadeiras; zelando do jardim para cultivar e dar flores ao altar...

Suprir as deficiências imperdoáveis, cooperando para o asseio da casa e suas repartições. O trabalho manual entretém, distrai e conserva.

PEDIDOS DE SUBVENÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO

Lembramos às Entidades, que já estamos em época oportuna para os primeiros contactos com os deputados, no sentido de conseguir subvenções para o próximo ano. Os pedidos não dependem de apresentação de documentos. Basta a correspondência. E' bom juntar fotografias e recomendações de autoridades locais, sobretudo quando são da mesma política que o deputado. E' preciso agir com muito tato, quando se põem em jôgo influências políticas. Não adianta pedir a deputados de outros Estados, salvo casos de parentesco ou amizades muito especiais.

Em todos os pedidos, informar sempre com precisão o nome da entidade, a obra que realiza, possivelmente com o número dos assistidos, e a indicação de quanto precisa. Indicar também que a obra já é pessoa jurídica devidamente constituída e registrada no Conselho Nacional de Serviço Social, do Ministério da Educação e Cultura. Ou então que a obra é mantida por outra entidade, com as condições acima. O pedido de subvenções se faz em três épocas distintas. No princípio do ano, antes que os deputados façam todo o plano de distribuição. Em maio se volta a insistir e cobrar a promessa do começo do ano: é a ocasião em que o orçamento é enviado à Câmara e se fazem as emendas orçamentárias. Finalmente, em setembro e outubro, quando o mesmo é discutido na Comissão de Finanças. Em novembro se pode conseguir ainda alguma verba, trabalhando com os Senadores, aos quais, porém, é preciso dirigir-se com bastante antecedência. Para êxito neste trabalho, é preciso ter presente o seguinte: pedir muitas verbas, para obras diversas; pedir com insistência e perseverança, não desanimando com o primeiro insucesso, fazer pedidos razoáveis, na importância desejada.

Se a Província religiosa puder destacar um dos seus elementos para mandar ao Rio, durante uma ou duas semanas, afim de falar pessoalmente aos deputados, será ótima iniciativa. A Conferência poderá indicar a ocasião oportuna e aqui orientar os trabalhos. Este mensageiro, entretanto, não dispensa o trabalho de correspondência.

RELAÇÃO DOS DEPUTADOS COM SEUS RESPECTIVOS ENDEREÇOS

Deputados	Residência	Telefone
ACRE		
JOSE GUIOMARD dos Santos (PSD)	Av. Atlântica, 3916, apt.º 1008	27-4702
OSCAR PASSOS (PTB)	Rua das Laranjeiras, 550, apt.º 803	25-0676
ALAGOAS		
ARMANDO Salgado LAGES (UDN)	Av. N. S. de Copacabana, 1181, apt.º 1102	27-3067
ARY Bôto PITOMBO (PTB) (1)	Rua Barão de Ipanema, 115, apt.º 302	57-8921
AURÉLIO VIANA da Cunha Luna (PSB)	Av. N. S. de Copacabana, 1236, apt.º 1008	
JOSE' AFONSO Casado de Melo (UDN)	Ambassador Hotel	32-8181
José Caralâmpio de MENDONÇA BRAGA (PTB) (2)	Rua Honório de Barros, 12, apt.º 801	45-3231
JOSE' MARIA de Melo (PTN)	Av. Epiácio Pessoa, 850, apt.º 1302	27-0466
Luiz MEDEIROS NETTO (PSD)	Rua Senador Vergueiro, 107, apt.º 204	45-4377
OCEANO CARLEIAL (UDN)	Ambassador Hotel	32-8181
Sebastião Marinho MUNIZ FALCÃO (PSP)	Rua Figueiredo Magalhães, 118, apt.º 517	57-0921
SEGISMUNDO ANDRADE (UDN)	Rua Pinheiro Machado, 80, apt.º 701	45-3099
AMAPA'		
COARACT Gentil Monteiro NUNES (PSD)	Av. Nilo Peçanha, 155, sala 713	42-3483
AMAZONAS		
Antero Ferreira RIÇA JUNIOR (PTB)	Rua Silveira Martins, 129, apt.º 603	45-1676
ANTONIO Botelho MAIA (PSD)	Av. Atlântica, 840, apt.º 701	37-9440
AUREO Bringel DE MELO (PTB)	Av. Churchill, 60, apt.º 703	42-8004

(*) O nome parlamentar dos Srs. Deputados figura em versal.

(1) Licenciado até 18/7/55.

(2) Suplente, em exercício, do Deputado Ary Pitombo.

Francisco PEREIRA DA SILVA (PSD)	Rua Raimundo Corrêa, 28, apt.º 402	46-6195
JOSUE' Cláudio DE SOUSA (PTB)	Rua Bento Lisboa, 63, apt.º 1001	45-1580
MANUEL José Machado BARBUDA (PTB)	Av. N. S. de Copacabana, 968, apt.º 602	

BAHIA

ALAMM MELLO (PTB)	Hotel Serrador	32-4220
ALIOMAR de Andrade BALEEIRO (UDN)	Rua Figueiredo Magalhães, 81, apt.º 301	46-8932
ALOISIO DE CASTRO (PSD)	Praia de Botafogo, 28, apt.º 402	25-5936
ALTAMIRANDO REQUIÃO (PTB) (3)	Rua Francisco Sá, 105, apt.º 803	27-1778
Antônio Ferreira de OLIVEIRA BRI- TO (PSD)	Rua Sá Ferreira, 120, apt.º 701	47-6283
Antônio NONATO MARQUES (PSD)	Flórida Hotel, Rua Ferreira Viana, 75	25-7336
AUGUSTO PÚBLIO Pereira (PSD) ..	Regina Hotel, Rua Ferreira Viana, 29	25-7280
AUGUSTO VIANA Ribeiro dos San- tos (PR)	Rua Paulo César de An- drade, 106, apt.º 601	45-4886
AZIZ MARÓN (PTB) (4)	Av. Ruy Barbosa, 80, apt.º 1101	25-3710
CARLOS DE Faria ALBUQUERQUE (PR)	Rua Sá Ferreira, 12, apt.º 42	47-1615
EDUARDO Vilas Boas CATALÃO (PTB) (5)	Hotel Serrador	32-4220
EUNÁPIO Peltier DE QUEIROZ (PSD)	Hotel Serrador	32-4220
HERMOGENES PRÍNCIPE de Olivei- ra (PDC) (6)	Rua Aristides Espínola, 8, apt.º 102	
HILDEBRANDO DE Araujo GOES (PR)	Rua Senador Vergueiro, 154, apt.º 1001	25-8244
João da Costa Pinto DANTAS JU- NIOR (UDN)	Argentina Hotel, Rua Cruz Lima, 30	25-7233
JOSE' Gomes de Oliveira GUIMA- RAES (PR)	Rua Sá Ferreira, 132, apt.º 3	47-7574
LAFAYETTE COUTINHO de Albu- querque (UDN) (7)	Rua Belfort Roxo, 174, apt.º 902	37-8716

(3) Suplente, em exercício, do Dep. Rômulo Almeida.

(4) Suplente, em exercício, do Dep. Eduardo Catalão.

(5) Licenciado por tempo indeterminado.

(6) Suplente, em exercício, do Dep. Luna Freire.

(7) Licenciado por tempo indeterminado.

Deputados**Residência****Telefone**

LAURINDO de Oliveira REGIS Filho (PSD)	Rua Raul Pompéia, 14, apt.º 503	47-7711
Leolina Barbosa de Sousa Costa (NI- TA COSTA) (PTB)	Av. Atlântica, 3102, apt.º 1102	47-6748
LUIS VIANA Filho (PL)	Rua Constante Ramos, 105, apt.º 401	57-8874
MANOEL Cavalcanti NOVAIS (PR) . .	Rua Alm. Gonçalves, 15, apt.º 702	47-1647
NESTOR DUARTE (PL)	Av. Churchill, 60	42-8004
Oscar de LUNA FREIRE (PDC) (2) . .	Praia de Botafogo, 280, 10.º	26-2440
OTÁVIO MANGABEIRA (PL)	Hotel Glória	25-7272
RAFAEL CICURA' de Andrade (UDN)	Av. Atlântica, 1536, apt.º 501	37-6909
RAIMUNDO de Sousa BRITO (PR)	Hotel Avenida	22-9800
RÔMULO Barreto de ALMEIDA (PTB) (3)	Rua Fonte da Saudade, 129 . .	
RUY SANTOS (UDN)	Av. N. S. de Copacabana, 1049, apt.º 501	27-7954
Tarcilo VIEIRA DE MELO (PSD) . .	Rua Barata Ribeiro, 323, apt.º 801	37-4409
VASCO Azevedo FILHO (UDN)	Fraia de Botafogo, 280, apt.º 102	26-0001

CEARA'

A D A H I L BARRETO Cavalcante (UDN)	Flórida Hotel, Rua Ferreira Viana, 75	25-7336
ADOLFO Campelo GENTIL (PSD) . .	Praia do Flamengo, 268, apt.º 302	25-1782
ALFREDO BARREIRA Filho (UDN) . .	Flórida Hotel, Rua Ferreira Viana, 75	25-7336
Alvaro LINS CAVALCANTI (PSP) (4)	Flórida Hotel, Rua Ferreira Viana, 75	25-7336
Antônio de ALENCAR ARARIPE (PTB) (5)	Rua da Glória, 68	42-0520
ANTONIO HORÁCIO Pereira (PSD) . .	Rua Paissandu, 200, apt.º 801	45-5777
Antônio PERILO de Souza TEIXEIRA (UDN)	Rua Barata Ribeiro, 185, apt.º 907	37-1337
ARMANDO Ribeiro FALCÃO (PSD)	Rua Min. Viveiros de Castro, 141, apt.º 101	57-7572
CARLOS JEREISSATTI (PTB)	Rua Domingos Ferreira, 21 apt.º 1202	47-0646
Chrysantho MOREIRA DA ROCHA (PR.)	Av. Atlântica, 1096, apt.º 101	37-2917
ERNESTO Miranda SABOYA de Al- buquerque (UDN)	Hotel Serrador	32-4220
ESMERINO Oliveira ARRUDA Coelho (PSP) (6)	Rua Tobias Amaral, 75, apt.º 201	45-6676

(2) Licenciado até 23/7/55.

(3) Licenciado por tempo indeterminado.

(4) Licenciado até 5/7/55.

(5) Suplente, em exercício, do Deputado Francisco Monte.

(6) Licenciado até 9/7/55.

Deputados	Residência	Telefone
EUCLIDES WICAR de Castro Parente Pessoa (PSD)	Rua Barão da Torre, 107, casa IV	57-3524
Francisco de MENEZES PIMENTEL (PSD)	Rua Benjamim Constant, 92, apt.º 302	22-6019
FRANCISCO de Almeida MONTE (PTB) (7)	Rua das Laranjeiras, 93, apt.º 804	
GENTIL BARREIRA (UDN) (8)	Hotel Serrador	32-4220
HUMBERTO Cavalcanti TEIXEIRA (PSP) (9)	Rua Miguel Lemos, 8, apt.º 605	27-9883
José COLOMBO DE SOUSA (PSP) ..	Rua Eng.º Richard, 149, apt.º 201	58-0069
José MARTINS RODRIGUES (PSD) ..	Rua México, 31, sala 1001 ..	32-6889
LEÃO SAMPAIO (UDN) (1)	Rua Humaitá 261, apt.º 608 .	26-5558
VIRGÍLIO de Moraes Fernandes TÁVORA (UDN)	Rua Princesa Isabel, 38, apt.º 301	37-2890
WALTER Bezerra de SÁ (PSP) (2) .	Av. Vieira Souto, 402 apt.º 302	27-1856
DISTRITO FEDERAL		
ADAUCTO Lúcio CARDOSO (UDN) .	Rua Domingos Ferreira, 46, apt.º 802	37-9345
Anésio FROTA AGUIAR (UDN)	Rua Santa Clara, 210	37-4603
Antônio de Pádua CHAGAS FREITAS (PSP)	Rua Gustavo Sampaio, 358, apt.º 401	26-7557
BENJAMIN Miguel FARAH (PSP) ..	Rua Conde de Bonfim, 40 ...	28-8203
CARLOS Frederico Werneck de LACERDA (UDN)	Rua Toneleros, 180, apt.º 404
DANTON COELHO (PTB)	Av. Atlântica, 3484, apt.º 301	47-1299
Euripedes CARDOSO DE MENEZES (PSD)	Rua Bambina, 160	46-1051
Francisco GURGEL DO AMARAL Valente (PR)	Rua Raul Pompéia, 132 apt.º 203	47-5328
GEORGES GALVÃO (PTB)	Rua Dias de Barros, 47 apt.º 101	22-7212
JOÃO dos Reis Ferreira MACHADO (PTB)	Rua Goiás, 714	29-1310
LOPO de Carvalho COELHO (PSD) .	Rua Gen. Glicério, 440 apt.º 401	25-0272
LUTERO Sarmanho VARGAS (PTB)	Av. Rui Barbosa, 430 apt.º 1001	25-3848
MÁRIO de Souza MARTINS (UDN) (3)	Rua Bulhões de Carvalho, 164	47-2762
ODILON Duarte BRAGA (UDN)	Rua Sá Ferreira, 184	27-0574

(7) Licenciado até 29/7/55.

(8) Licenciado até 29/7/55.

(9) Suplente, em exercício, do Deputado Esmerino Arruda.

(1) Suplente, em exercício, do Deputado Gentil Barreira.

(2) Suplente, em exercício, do Deputado Lins Cavalcanti.

(3) Licenciado até 7-755.

D e p u t a d o s	Residência	Telefone
RUBENS BERARDO Carneiro da Cunha (PTB)	Rua Cosme Velho, 147	25-1391
SERGIO G. de MAGALHÃES (PTB)	Rua Gomes Carneiro, 65, aptº. 101	27-9620
ESPIRITO SANTO		
CÍCERO ALVES (PSD)	Rua Barão de Juagaribe, 290
FLORIANO Lopes RUBIM (PTB) ...	Ambassador Hotel	32-8181
JEFFERSON DE AGUIAR (PSD)	Hotel Serrador	32-4220
LOURIVAL DE ALMEIDA (FSP) (4)	Rua do Bispo, 227, aptº. 202
NAPOLEÃO FONTENELE da Silveira (PSD)	Rua Miguel Lemos, 46 aptº. 901	47-7966
NELSON Goulart MONTEIRO (FSD)	Rua Clarisse Índio do Brasil, 8, aptº. 402	46-3815
PONCIANO Stenzel DOS SANTOS (PRP)	Rua da Capela, 43	49-3405
RUBENS RANGEL (PTB) (5)	Hotel Itajubá	22-9990
GOIAS		
BENEDITO VAZ (PSD)	Rua Pereira Nunes, 101	28-9755
César da CUNHA BASTOS (UDN) ..	Hotel Novo Mundo	25-7366
EMIVAL Ramos CAIADO (UDN)	Rua Gen. Tibúrcio, 83, aptº. 1415	26-2387
JOÃO D'ABREU (FSP)	Rua São Salvador, 105, aptº. 601	45-3115
José Trindade FONSECA E SILVA (PSD)	Rua Rainha Guilhermina, 150, aptº. 203
NICANOR de Faria e Silva (PSP) ...	Rua Henrique Dumont, 174, aptº. 201	47-7780
TACIANO Gomes DE MELO (PSD)	Av. Atlântica, 3916 aptº. 504
WAGNER ESTELITA Campos (PSD)	Rua Antônio Basílio, 57	48-8738
GUAPORÉ		
JOAQUIM Vicente RONDON (PSP)	Rua Barão do Flamengo, 17, aptº. 61	45-4234
MARANHÃO		
AFONSO da Silva MATOS (PSP) (6)	Rua Domingos Ferreira, 702, aptº. 102	37-7209
Antônio Euzébio da COSTA RODRIGUES	Rua Visc. Albuquerque, 223, aptº. 302	27-3596
ANTONIO Jorge DINO (PSD)	Rua Santo Amaro, 137	45-4001
Benedito FREITAS DINIZ (PSD) ...	Rua Figueiredo Magalhães, 85, aptº. 701	37-8146
CID Rojas de CARVALHO (PSD) ...	Tv. Santa Leocádia, 19, aptº. 28	57-9082
CLDOMIR Teixeira MILLET (PSP) (7)	Rua Visc. de Pirajá, 589, aptº. 401	47-1149

(4) Suplente, em exercício, do Deputado Rubens Rangel.

(5) Licenciado por tempo indeterminado.

(6) Suplente, em exercício, do Deputado Clodomir Millet.

(7) Licenciado até 13-6-55.

Deputados	Residência	Telefone
Hugo da CUNHA MACHADO (PSD)	Praia do Flamengo, 224, apt ^o . 301	45-3992
José Guimarães NEIVA MOREIRA (PSD)	Rua Prof. Ortiz Monteiro, 15, apt ^o . 202	45-8748
LISTER Segundo da Silva CALDAS (PSD)	Rua Voluntários da Pátria, 139
NEWTON de Barros BELO (PSD) ..	Rua Domingos Ferreira, 188, apt ^o . 901
PEDRO BRAGA (PSD)	Ambassador Hotel	32-8181
RENATO Bayma ACHER da Silva (PSD)	Rua Belfort Roxo, 174, apt ^o . 1002	37-4399
MATO GROSSO		
João PONCE DE ARRUDA (PSD) ...	Rua Hilário de Gouveia, 30, apt ^o . 904	37-4601
JOSÉ Manoel Fontanilhas FRAGELLI (UDN)	Av. N. S. Copacabana, 1182, apt ^o . 1
Júlio Mário Abbott de CASTRO PINTO (UDN)	Rua Miguel Frias, 71 apt ^o . 903 — Niterói
PHILADELPHO GARCIA (PSD)	Rua Cupertino Durão, 74 ...	27-8120
Rachid SALDANHA DERZI (UDN) ..	Hotel Serrador, apt ^o . 1502 ..	32-4220
WILSON FADUL (PTB)	Rua Voluntários da Pátria, 221, apt ^o . 202	46-4229
Yttrio CORRÊA DA COSTA (UDN) ..	Av. Rodrigo Otávio, 145, apt ^o . 302
MINAS GERAIS		
AFONSO ARINOS de Melo Franco (UDN)	Rua Anita Garibaldi, 19	37-5977
BENTO GONÇALVES Filho (PR)	Av. Atlântica, 830	37-2550
BILAC PINTO (UDN)	Av. Vieira Souto, 550	27-5306
Camilo NOGUEIRA DA GAMA (PTB)	Rua Paula Freitas, 21, apt ^o . 1201	57-0165
CARLOS Coimbra da LUZ (PSD) ...	Rua Siqueira Campos, 7, apt ^o . 901	37-9615
CELSO Claro Horta MURTA (PSD) .	Ambassador Hotel	32-8181
CLEMENTE MEDRADO Fernandes (PSD) (3)	Rua Bolívar, apt ^o . 301 ...	57-2985
Crispim Jaques BIAS FORTES (PSD)	Av. Atlântica, 4112, apt ^o . 201	27-3450
DILERMANDO Martins da Costa CRUZ Filho (PR)	Rua Raul Pompéia 132, apt ^o . 1002	27-4937
EUVALDO LODI (PSD) (4)	Rua Canning, 33	47-7114
FELICIANO de Oliveira PENA (PR) (5)

(3) Licenciado até 4-9-55.

(4) Licenciado por tempo indeterminado.

(5) Suplente, em exercício, do Deputado Tristão da Cunha.

Deputados	Residência	Telefone
GAERIEL de Rezende PASSOS (UDN)	Av. Rio Branco, 311, sala 606	42-3677
Geraldo STARLING SOARES (PSD)	Hotel Califórnia, aptº. 804 ..	57-1900
GUILHERME MACHADO (UDN) ...	Rua Figueiredo Magalhães, 83 aptº. 701
GUILHERMINO DE OLIVEIRA (PSD)	Av. Churchill, 129, sala 303.	52-9419
GUSTAVO CAPANEMA (PSD)	Rua Alm. Tamandaré, 23, aptº 801	25-5170
ILACIR Pereira LIMA (PTB)	Luxor Hotel, aptº. 516	57-1940
ÍSRAEL PINHEIRO da Silva (PSD) .	Rua Assis Brasil, 146, 10.º ..	37-5366
JAEDER Soares ALBERGARIA (PSD)	Rua Sen. Vergueiro, 11+, aptº. 204	25-2515
João NOGUEIRA DE REZENDE (PR) (1)	Hotel Praia Leme	37-2757
Joaquim MENDES DE SOUZA (PTB)	Rua Djalma Ulrich, 271, aptº. 1002	47-0541
José Antônio de VASCONCELLOS COSTA (PSP)	Av. Atlântica, 2440
José Bonifácio Lafaiete de An- drada (UDN)	Rua Voluntários da Pátria, 371	26-6076
José de MAGALHÃES PINTO (UDN)	Av. Delfim Moreira, 896, aptº. 401	4-1059
José ESTEVES RODRIGUES (PR) ...	Hotel Serrador	32-4220
JOSÉ Maria ALKIMIM (PSD)	Rua Fernando Mendes, 31, aptº. 801	57-5260
José MAURÍCIO DE ANDRADE (PSD)	Ouro Verde Hotel	57-1889
LICURGO LEITE Filho (UDN)	Rua Assis Brasil, 146, aptº. 1 6.º andar	37-7060
Manoel FRANÇA CAMPOS (PSD) ...	Rua Domingos Ferreira, 178, aptº. 402	37-6507
MÁRIO de Ascensão PALMÉRIO (PTB)	Rua Barata Ribeiro, 587, aptº. 701	57-8735
MILTON Soares CAMPOS (UDN) ...	Hotel Miramar	27-0160
OLAVO COSTA (PSD) (2)	Hotel Serrador	32-4220
OSCAR Dias CORRÊA (UDN)	Rua Figueiredo Magalhães, 81 aptº. 903	46-6766
OTACÍLIO NEGRÃO de Lima (PSD)	Av. Epitácio Pessoa, 1902 ..	26-2520
OVÍDIO Xavier DE ABREU (PSD) ..	Av. Atlântica, 2038, aptº. 201	37-5429
Paulo PINHEIRO CHAGAS (PSD) ..	Rua Paula Freitas, 20 aptº. 901	37-1567
RONDON PACHECO (UDN)	Rua Domingos Ferreira, 20, aptº. 510	37-7718
TRISTÃO DA CUNHA (PR) (3)	Rua Embaixador Morgan, 43	26-8420
ÚLTIMO DE CARVALHO (PSD)	Av. Atlântica, 290, aptº. 104	37-0716
URIEL de Rezende ALVIM (PSD) ...	Rua Joaquim Nabuco, 43, aptº. 61	47-7147
WALTER Geraldo de Azevedo Athay- de (PTB)	Ladeira dos Tabajaras, 50 ..	37-9938

(1) Licenciado por tempo indeterminado.

(2) Suplente, em exercício, do Deputado Euvaldo Lodi.

(3) Licenciado por tempo indeterminado.

Deputados	Residência	Telefone
PARÁ		
Antônio TEIXEIRA GUEIROS (PSP)		
(4)	Rua Alvaro Alvim, 21, s/809	42-0069
ARMANDO de Souza CORREIA (PSD)	Rua Antônio Vieira, 17, aptº.	
.....	603	37-4343
DEODORO Machado DE MENDONÇA		
(PSP)	Av. Atlântica, 4066, aptº. 1004	37-0778
GABRIEL HERMES Filho (PTB) ..	Av. Atlântica, 458, aptº. 303
JOÃO de Paiva MENEZES (PSD) ...	Rua Barata Ribeiro, 673, apt.º	
.....	702	32-8951
João Guilherme LAMEIRA BITTEN-		
COURT (PSD)	Rua Domingos Ferreira, 92,	
.....	aptº. 302	37-7319
Joaquim LOBÃO DA SILVEIRA (PSP)		
(5)	Flórida Hotel	25-7336
LOFO Álvares DE CASTRO (PSP) ..	Av. Atlântica, 2440 aptº. 814
NELSON da Silva PARIJÓS (PSD) ..	Hotel Avenida	22-9800
PAULO de Menezes BENTES (PSD)
VIRGINIO Marques SANTA ROSA		
(PSP)	Rua Bolívar, 147, aptº 701 ..	57-2382
PARAÍBA		
Antônio PEREIRA DINIZ (PL)	Rua Barata Ribeiro, 283, aptº.	
.....	903	37-8502
DRAULT ERNANNY de Melo e Silva		
(PSD)	Rua Borba Gato, 17	37-0383
ERNANI SÁTIRO (UDN)	Rua Pedro Velho, 26	25-3446
IVAN BICHARA Sobreira (PL)	Praia de Botafogo, 280 aptº. 30
JOÃO AGRIPINO Filho (UDN)	Rua Joaquim Caetano, 10....	26-9910
JOÃO ÚRSULO Ribeiro Continho		
(UDN)	Rua Paulo César de Andrade,	
.....	106 aptº. 404
José JANDUÍ CARNEIRO (PSD) ...	Praia do Flamengo, 118, 9.º	
.....	andar
JOSÉ JOFFILI Bezerra de Melo (PSD)	Rua Paula Freitas, 21, aptº.	
.....	602	37-0125
PLÍNIO LEMOS (PL)
RAFAEL CORRÊA de Oliveira (UDN)	Rua da Quitanda, 3, 9.º and.	22-4851

(Continúa no próximo número)

COMUNICAÇÕES DIVERSAS

Em circular de 11 de Fevereiro dêste ano, informamos a tôdas as comunidades religiosas que a Conferência continuava mantendo o convênio feito com a Olivetti Industrial S/A para a venda de máquinas de escrever, somar e calcular, às comunidades religiosas associadas. Informamos que tínhamos concluído outro convênio, com a Singer, para máquinas de costura.

(4) Suplente, em exercício, do Deputado Lobão da Silveira.

(5) Licenciado até 29-7-55.

Mais um já está concluído, podendo beneficiar as nossas casas. Os colégios, escolas profissionais, e em geral as casas cuja atividade é de qualquer modo submetida a uma fiscalização de órgãos do Governo, são obrigadas a fazer seguro para seus operários ou empregados. Muitas casas têm também seguro contra fogo, e os colégios que têm ônibus, próprios, devem fazer seguro dos mesmos. É uma medida de prudência que se tem demonstrado necessária em muitas casas, para livrar o colégio de uma série de aborrecimentos, que passam imediatamente para a companhia seguradora.

Pois bem. A Conferência dos Religiosos, tendo necessidade de fazer seguro dos veículos que estão a nosso serviço, na sede central, acabou concluindo um convênio com a SUL AMÉRICA SEGUROS TRANSPORTES E MARÍTIMOS. As condições do nosso convênio são extensivas a tôdas as casas religiosas do Brasil, desde que o contrato de seguro seja feito por nosso intermédio. Como em geral os seguros se renovam anualmente, podem as comunidades, ao vencer os contratos atuais, passar a fazer pela Conferência.

É mais um serviço que a Conferência apresenta às comunidades, na certeza de que também este representa não pequenas vantagens para os religiosos e religiosas. Queira consultar-nos, portanto, quando tiver de tomar estas providências.

NOVAS FUNDAÇÕES

Caçapava do Sul — Rio Grande do Sul — Há um grande edifício que funciona como Asilo dos velhos e pobres. Num valor total de uns mil contos com o respectivo terreno. Capacidade para uns 50 velhos. O Asilo já tem prontas tôdas as dependências para a residência das Religiosas e também Capela. Existe junto um grande salão. Recebe anualmente verbas federais, estaduais e municipais para manutenção, além de uns 500 sócios da cidade que pagam mensalidade em favor dos pobres. Será entregue, com todo o seu patrimônio, à primeira comunidade de Religiosas que quiser dirigir o Asilo.

Monte Santo — Minas Gerais — Há necessidade urgente de 3 ou 4 Irmãs para tomarem conta da S. Casa de Misericórdia e Asilo São Vicente, para que não fiquem sob direção de elementos anticatólicos. O Revmo. Pe. Vigário assegura o serviço e assistência religiosa às Revmas. Irmãs.

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Ordens Contemplativas na África — A 1 de janeiro de 1956 as fundações monásticas presentes na África, inclusive Madagascar e as Canárias, eram: 12 Carmelos, 5 mosteiros de Clarissas, 3 Trapas e 1 Abadia de Cistercienses da Antiga Observância, um mosteiro (feminino) de Trapistas e 2 de Monjas Cistercienses, 4 Abadias de Beneditinos (Monjes) e 5 de Religiosos Beneditinos, 2 mosteiros de Capuchinhas Adoradoras do SSmo. Sacramento, 1 de Dominicanas de clausura e 2 de Pequenas Irmãs do S. Coração. Há 5 mosteiros (masc.) de Carmelitas e 8 (fem.) das Carmelitas de São José, 5 de Religiosas de Maria Reparadora, e outros ainda nos quais a vida contemplativa ocupa o primeiro lugar. Poucos em comparação à vastidão do continente negro, mas início esperançoso de vocações indígenas que aparecem por todo canto.

Noviciado de Irmãs de Rito Copto — A única Congregação de Religiosas de Rito Copto, as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, abriu noviciado na cidade de Heliópolis (Egito). Esta Congregação foi fundada em 1913 e conta agora 64 religiosas e 7 noviças.

Ecoss de um Centenário — Rio 22 de dezembro.

Foi solenemente comemorado o 1º Centenário da Ven. Madre Maria S. Miguel. Fundadora das Religiosas dos Santos Anjos, a 22 de dezembro. Na França e no Brasil, em todos os Colégios, os dias que precedem essa data foram assinalados com solenidades especiais. Em Juiz de Fora, o centenário da Fundadora foi festejado com extraordinário brilho: piedoso tríduo e sessões comemorativas. Encerraram-se as solenidades com a apresentação do "Anjo do Senhor", coro falado da autoria do Côn. Lauro Neves, encantadora representação sobre a vida da Ven. Madre. No Rio, atualmente Casa Mãe da Congregação, Religiosas e alunas, vibrantes de entusiasmo e santa alegria, proporcionaram, a todos que as honraram com sua presença, momentos de real prazer, no desenvolvimento do programa bem organizado e executado: Tríduo solene com Missa, e à noite, pregação e sessões de homenagem. A Missa solene de encerramento foi celebrada por Dom Armando Lombardi, DD. Núncio Apostólico, com panegírico pelo Revmo. Pe. Frei Jacinto de Palazzolo, O. F. M. Cap. Além dessas cerimônias religiosas e homenagens artísticas, perene recordação do venturoso centenário, S. Emcia. Revma. D. Jayme de Barros Câmara, no dia 20 de dezembro, fez a sagração da Capela dos Santos Anjos da Tijuca. A comovente cerimônia assistiu grande número

de Religiosas de tôdas as Casas da Congregação, tendo o coro ficado a cargo do Seminário São José, que desempenhou com brilho sua missão.

A lembrança dêsses dias abençoados, homenagem filial e afetuosa à diletta fundadora, ficará, para sempre, no coração das filhas dos Santos Anjos, como poderoso estímulo, para melhor desempenho de sua nobre e árdua missão de educadoras.

Premiada a Revista. Irmã M. B. — Rio

Nossa Revista publicou, em Janeiro dêste ano, nº 7, o artigo: "Eram uma vez umas vidraças..." da Irmã M. B., das Filhas de Caridade de São Vicente de Paula, que muito entusiasmo e merecidos louvores alcançou, não só entre os leitores, mas também entre elementos estranhos ao meio religioso. De fato, o Departamento Nacional da Criança que, por meio desse artigo teve conhecimento da obra desenvolvida pela Irmã M. B. entre as crianças pobres, premiou-a com o auxílio de Cr\$ 20.000,00 a favor dessas crianças das favelas cariocas. Além disto, pôs o mesmo D.N.C. seis bolsas de estudo, para especialização nos Estados Unidos, à disposição do C. R.B., para religiosos que trabalham em obras de menores. Voltaremos oportunamente ao assunto.

SANTOS FUNDADORES — Abril

2 — *São Francisco de Paula* (1416-1507, fundador da Ordem dos Mínimos.

Viveu como ermitão desde a mocidade, até que, procurado por outras pessoas que queriam ser seus discípulos, nasceu a Ordem dos Mínimos. Suas características são a humildade, a caridade e uma extraordinária mortificação. Teve em vida o dom dos milagres. Passou muitos anos na côrte de França, onde o enviou o Papa, para assistir a Luiz XI, e depois a Carlos VIII, com sua obra pacificadora. Por Pio XII foi proclamado Padroeiro dos marítimos.

7 — *São João Batista de La Salle*, fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs (1651-1719). Frequentou em Paris a Sorbona e o seminário de São Sulpício sendo ordenado Sacerdote em 1678. Dedicou-se à educação da mocidade, criando as primeiras escolas que foram se espalhando pela França tôda. Deixou várias obras ascéticas e místicas. Seu principal mérito, no campo pedagógico, são os métodos novos, renovados ou aperfeiçoados, que introduziu no ensino. Canonizado em 1900, foi por Pio XII proclamado Padroeiro principal dos Mestres.

- 24 — *Santa Maria de Santa Eufrásia Pelletier*, fundadora do Instituto das Irmãs do Bom Pastor (1796-1868). Dedicou sua vida à redenção das jovens decaídas e abandonadas. Pertenceu ao Instituto de N. Senhora do Refúgio, onde foi superiora e fundou a Obra das Madalenas. Em Angers, onde foi enviada para dirigir a Obra do Bom Pastor, conseguiu, apesar das dificuldades, transformar aquêle refúgio num centro de apostolado, fundando a nova instituição que em 1835 obtinha a aprovação pontifícia. À sua morte deixava 2376 Irmãs, 962 madalenas, 6272 jovens amparadas, 8433 entre órfãs, alunas etc. Foi canonizada em 1940.
- 28 — *São Paulo da Cruz*, fundador dos Passionistas (1694-1775). Sua característica, a devoção aos mistérios da Cruz e da Paixão. Passou uma vida de penitência, desde a mocidade, nas alturas do monte Argentário. Ordenado Sacerdote por Bento XIII, iniciou sua vida missionária, pregando missões ao povo por mais de quarenta anos. Como diretor espiritual, levou muitas almas à perfeição; como místico, sua união a Cristo foi confirmada com a impressão dos instrumentos da Paixão em seu coração. É de sua fundação o Instituto das Irmãs Passionistas.
- 28 — *São Luiz Grignon de Monfort*, fundador das Filhas da Sapiência e das Missionárias da Companhia de Maria (1673-1716).
- Não conseguindo partir para as missões, dedicou-se ao ensino do catecismo aos pobres. Em 1703 fundou as Filhas da Sapiência para a cura dos pobres e doentes e a educação das crianças. Por ordem de Clemente XI pregou em muitas dioceses da França, restaurando igrejas, confrarias e mantendo viva a fé nas regiões evangelizadas, apesar do janseanismo imperante. É célebre seu tratado sobre a devoção a Maria.
- 30 — *São José Bento Cottolengo*, fundador de vários institutos na Pequena Casa da Divina Providência (1786-1842). Muito célebre a Pequena Casa da Divina Providência, por êle fundada em 1828, querendo imitar as virtudes de São Vicente de Paula. A instituição progrediu rapidamente, contando aos milhares os doentes de toda espécie, para assistir os quais instituiu as Filhas de São Vicente, Ursulinas, Filhas de N. Senhora, Filhas da Piedade, os Irmãos de São Vicente e os Padres da SS. Trindade. Sua obra é verdadeiramente um milagre perene da Providência Divina. Foi canonizado em 1934.